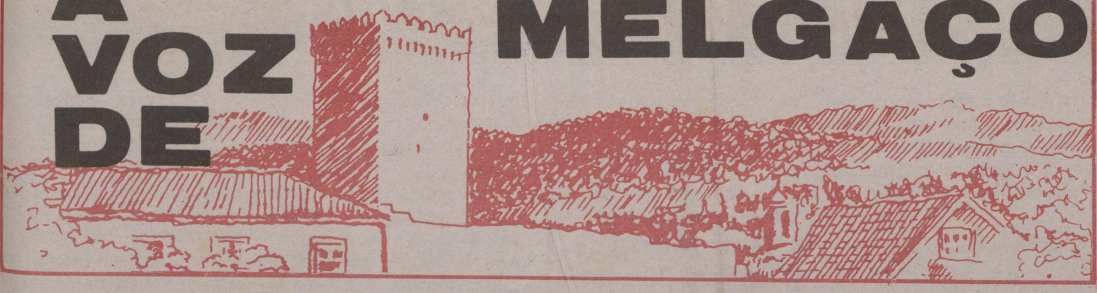


A VOZ DE MELGAÇO



DIRECTOR: JÚLIO HILARIÃO VAZ
ANO XLIII — Nº 891
1 DE ABRIL DE 1989

QUINZENÁRIO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15

Preço Avulso — 40\$00
Tiragem da última edição
2.600 exemplares



PORTE PAGO

A SOLENE CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA NO MOSTEIRO DE FIÃES

O LOUVOR DE DEUS É A GLÓRIA DO HOMEM



Início da Eucaristia presidida por D. Armindo.

O Dr. Carlos Vaz profere a Monição de acolhimento

Foi lindo! Foi sobretudo algo de muito vivido, ao mesmo tempo solene, magestoso e encantador, e também humilde e verdadeiro o que aconteceu na Missa solene presidida pelo Bispo de Viana, D. Armindo, com todo o clero que trabalha no concelho lá presente e ainda outros sacerdotes naturais de Melgaço que têm missão pastoral noutros locais.

O magestoso templo estava cheio de pessoas que quiseram constituir realmente uma assembleia participante. O senhor Ministro da Juventude, Couto dos Santos, o senhor Governador Civil de Viana, o senhor Presidente da Câmara, Rui Solheiro, bem como outras autoridades civis e militares participaram também na celebração.

Como coração de toda esta assembleia, a marcar o ritmo e o pulsar vibrante, o grupo coral da Senhora-a-Branca, de Braga, dirigido pelo P.e Dr. Júlio Vaz, sobrinho, natural do concelho. Ao órgão, o renomado e conceituado amigo e organista João Pires que, sempre que preciso, colabora também nas celebrações solenes em Braga, e ainda na Basílica dos Congregados na Igreja de S. Lázaro.

Nesta celebração, tudo foi preparado e pensado antecipadamente, como se deve fazer sempre, pois que nada é tão exigente como uma eucaristia realmente viva e condigna.

Enquanto o cortejo dos celebrantes subia pelo mosteiro, o coro foi cantando o cântico «Somos a Igreja de Cristo/As pedras vivas do templo de Deus», a 4 vozes, participando também o povo que o Dr. José Lima, dirigia desde o ambão. Este cântico é extraordinariamente bem

conseguido. A melodia inicial, é do P.e Mário Silva. E o saudoso maestro Dr. Manuel Faria, de tal maneira se enamorou dele que o harmonizou a 4 vozes exigindo dos baixos autênticas acrobacias de cantares de ópera logo no início fulgurante deste cântico que, ao mesmo tempo, proclama a verdade daquilo que somos e incentiva a sermos cada vez mais Igreja viva de Cristo. Findo o cântico, o pároco de Fiães, P. e Manuel Lourenço dirigiu uma saudação às autoridades e ao povo. Publica-se em destacável. O senhor bispo deu então início à Eucaristia incensando o altar e dirigindo a todos a saudação litúrgica adequada. O Dr. Carlos Vaz dirigiu a todos a



Alguns dos concelebrantes

monição de acolhimento e de introdução ao espírito da celebração que publicamos também em destacável.

Como acto penitencial, o coro entou «Senhor, tende piedade de nós», cântico a 4 vozes, adaptado de Taizé e muito sugestivo. Seguiu-se o hino «Glória a Deus nas alturas», a 4 vozes e solos nos recitativos, da autoria do maestro do coral Dr. Júlio Vaz.

É um «Glória» muito solene e vibrante, expressão lídima de todo um estado de alma que as simples palavras jamais conseguem transmitir convenientemente.

A 1ª leitura foi proclamada por um adolescente de Fiães a partir do texto do profeta Isaías, capítulo 63, versículos 7-9. Como salmo responsorial, o coro cantou «A Terra inteira cante ao Senhor e Lhe dê glória, honra e louvor», a 4 vozes, do saudoso compositor minhoto P.e Benjamim Salgado.

A 2ª leitura foi tirada de S. Paulo, na Carta aos Colossenses, cap. 3, versículos 12-17 e foi proclamada pelo Dr. Meneses, de Melgaço. Como salmo de aclamação foi cantado «Louvor e Glória a Vós para sempre», a 4 vozes e solo, do maestro Manuel Faria.

O Evangelho, extraído de S. João, cap. 15, versículo 9-17, foi proclamado pelo pároco de Fiães, P.e Manuel Lourenço. Seguiu-se a notabilíssima homilia de D. Armindo que publicamos também em destacável. Ela constitui um autêntico momento de beleza e harmonia na sua feitura que muito dignifica quem a concebeu e honra quem a ouviu e agora a pode ler calmamente, pois bem merece ser saboreada e assimilada convenientemente.

Publicamos também a oração dos fiéis que depois foi rezada. Ao Ofertório foi cantado um trecho de João Sebastião Bach cuja letra integral re-

produzimos: «A Voz dos meus humildes cantos/fraca voz do meu louvor/Com os anjos como os santos sobe ao trono do Senhor.

2. Tu, que o sol e as estrelas/No azul fazes brilhar/Que criaste as coisas belas/E as conduzes para o mar.

Continua na 12ª pág.

Recepção ao Ministro Adjunto

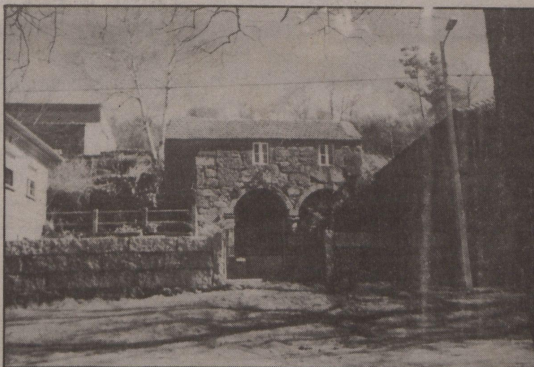
As comemorações solenes, e já históricas, do VI Centenário da Tomada do Castelo de Melgaço aos Castelhanos repartiram-se, como já o escrevemos, pelos dias 3 e 4 de Março último: o dia três foi consagrado à celebração histórica, militar, cultural, popular e cívica; no dia 4 procedeu-se a uma justificada celebração litúrgica.

É que sendo Portugal uma Nação que se fez e criou e desenvolveu com o respeito e o acolhimento da Fé, o acontecimento que se celebrava, em Melgaço, devia ter um momento de acção de graças a Deus.

O local escolhido foi o secular e histórico mosteiro de Fiães, onde se hospedou a rainha D. Felipa de Lencastre, que acompanhara o Rei no esforço heroico da recuperação do Norte de Portugal aos Castelhanos.

E a Rainha desceu do famoso mosteiro para a Vila a fim de assistir à tomada do Castelo.

A celebração litúrgica, sendo de acção de graças a Deus, seria, também, uma recordação piedosa de uma Rainha que foi modelo de virtudes e de



Aqui se vêem 2 colunas do antigo claustro

piedade.

Assim o entenderam os organizadores da celebração do VI Centenário da Tomada do Castelo aos Castelhanos os quais tiveram, da parte de Sua Ex. Ia Rev.ma o Bispo da Diocese, D. Armindo Lopes Coelho, a anuência desejada por todos: Autoridades e Povo.

Como diria o Doutor José Marques, na sua conferência na Sessão Académica, «Esta colaboração entre o trono e o altar nos momentos difíceis da Pátria, dentro dos actuais limites deste concelho, evocá-la-emos também na romagem de amanhã ao Mosteiro de Fiães».

E assim aconteceu e tudo foi digno e magestoso: a presença do Bispo da Diocese, o qual, já na véspera, havia tomado parte em todos os actos programados, o clero, todo o clero do arcepresbiterado e sacerdotes do Concelho de Melgaço que trabalham fora do mesmo; cónegos Luis Vaz e José Marques, Pe. Júlio Vaz, Drs. Carlos Nuno e Júlio Vaz, todos a trabalhar na cidade de Braga, padres Manuel António Bernardo e António de Jesus Rodrigues, párocos no Arciprestado de Monção, padres Manuel Domingues, pároco do Soajo, e Orlando Baptista, a trabalhar em Valença.

Presente ainda, porque muito ligado a Fiães, onde fez a instrução primária, o padre José Afonso, da Peneda.

No amplo Mosteiro, de três naves, completamente cheio, as autoridades Cívicas, Militares e Judiciais.

No altar-mor, onde decorreu a concelebração, uma guarda de honra do Regimento de Cavalaria de Braga, cujo Comandante representava o Comandante da Região Militar do Norte.

No transepto, e em cadeirais, o ministro Adjunto e da Juventude, eng. Couto dos Santos, Governador Civil do Distrito, Dr. Vítor Loureiro, Presidente da Câmara, Rui Solheiro, deputado Oliveira e Silva, Dr. Domingos Cunha, Adido à Embaixada do Brasil, magistrados, etc.

Junto da porta lateral, o Coro Polifónico que abrilhantou a solenidade litúrgica.

Continua na 12ª pág

DA VILA E CONCELHO

DA VILA E CONCELHO

DA VILA E CONCELHO

Aniversário

Festejou o seu aniversário natalício o nosso amigo Sr. Dr. José António Douteiro (Neto), residente em Vila Formosa - Estado de São Paulo (Brasil), filho do nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. António Manuel Douteiro e D. Maria Otelinda da Fonseca Douteiro. Os nossos parabéns.

Comissão de Festas de Nossa Senhora da Orada

Foi nomeada uma Comissão por diversos Bombeiros da nossa terra, para levar a efeito as festas de Nossa Senhora da Orada, padroeira do nosso concelho e madrinha da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Melgaço a realizar nos próximos dias 3 e 4 de Maio.

A Comissão espera o bom acolhimento da população melgacense, como já é de costume.

Dr. Adriano Marques de Magalhães

Acompanhado de sua esposa Srª Drª D. Rita Rejojo Marques de Magalhães, tivemos o prazer de ver entre nós o nosso estimado assinante e ilustre melgacense Sr. Dr. Adriano Marques de Magalhães, Dgmo. Consul Geral do Equador nas quatro províncias da Galiza, e Deputado ao Parlamento Espanhol. Ao nosso querido amigo Dr. Adriano, que é o decano do Corpo Consular na cidade de Vigo e a sua Exma. Esposa, apresentamos os nossos cumprimentos.

Aniversário

Fez anos o menino Nuno Filipe Pereira da Hora, filho do nosso estimado assinante e distinto médico da nossa terra Sr. Dr. Aventino Jorge Dias da Hora e da Srª D. Maria Alberta Pereira da Hora.

Os nossos parabéns.

Melgacense bairrista

A fim de assistir às comemorações do VI Centenário da Tomada do Castelo de Melgaço por D. João I em 1388, deslocou-se da cidade de Tour's - França a esta vila o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. Armando Malheiro, radicado naquela localidade há muitos anos, que assim o pode-

mos considerar como um melgacense bairrista e amigo da terra que lhe serviu de berço.

Ao nosso amigo Armando, os nossos cumprimentos.

Mais um carro assaltado

Já é bastante elevado o número de carros assaltados nesta vila, durante a noite.

Desta vez, foi o do nosso conterrâneo Sr. José Custódio Domingues, enfermeiro do Centro de Saúde de Melgaço.

O veículo estava estacionado junto daquelas instalações, pois que o seu proprietário se encontrava de serviço na urgência.

O ratoneiro, partiu um vidro da porta de trás, tendo roubado o rádio, as respectivas colunas e ainda os quatro tampões das rodas.

Enfim, estamos sempre neste...

Já não há, quem tenha medo às autoridades. Ou então, dá impressão, que elas não existem.

Melgacense radicado no Brasil de visita à sua terra

De visita à sua família e à terra que lhe serviu de berço, esteve entre nós o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. Manuel António Golim, comerciante e industrial na cidade de Niterói, onde está radicado há muitos anos.

Os nossos cumprimentos.

Jovem empresário Melgacense galardoado

A «Campus Universidad Empresa & Busines Initiative Directions», com sede em Madrid, decidiu outorgar o galardão "Laus Honoris Causa" (Pro Negotiorum Meritis), como reconhecimento internacional à eficácia, sucesso profissional e alta qualidade humana, demonstrados pelo nosso conterrâneo e estimado assinante senhor Manuel José Alves, na qualidade de gestor e sócio da firma "Manuel & Alves, Lda." com sede nesta Vila de Melgaço.

A cerimónia de entrega dos galardões ocorreu em 6 de Março na sala de Congressos do Hotel «Princesa Plaza» em Madrid.

Os nossos parabéns ao jovem empresário. Que o seu exemplo venha a ser um estímulo para muitos outros e assim num futuro próximo possa-

mos ver honrados a nível internacional novos nomes e novas firmas desta nossa terra.

Alfredo Lourenço do Paço

Festa (Feira) do Vinho em Ribadavia (Espanha)

Nos próximos dias 28 -29 -30 de Abril e 1 de Maio, vão realizar-se a nível dos anos anteriores, as tradicionais «Festas (Feira) do Vinho» na povoação fronteiriça de Ribadavia a poucos quilómetros desta vila.

As «Festas do Vinho», têm sido ao longo dos anos bastante participadas pelos portugueses residentes em Melgaço e outras localidades, e a sua realização tem servido para que os povos das duas regiões estreitem suas relações de amizade.

Seguindo a tradição, esta é a 26ª edição das «Festas do Vinho» e dedicará, assim, uma parte do seu programa aos portugueses que durante os dias previstos, visitem Ribadavia, localidade galega vizinha da vila de Melgaço, situada à margem direita do Rio Minho. Os festejos, que no seu primeiro dia privilegiavam iniciativas de carácter musical e cultural, contarão também com a presença das autoridades da província de Orense, bem assim como do dinâmico Presidente do Município Dr. Miguel Fidalgo Areda, tal como tem acontecido nos anos anteriores, a convite, aliás, dos próprios organizadores.

O Folclore e a música popular da Galiza são também incluídos no programa dos festejos com o objectivo de se proporcionar um intercâmbio cultural entre as populações de Melgaço e Ribadavia.

Mas os bons «Vinhos do Ribeiro», muito admirados pelos «nuestros hermanos» (e também pelos forasteiros) não deixam de constituir, apesar das muitas manifestações e outras diversões programadas, o grande motivo destas festas de Ribadavia.

Como sempre tem acontecido, visando uma demonstração das potencialidades gastronómicas daquela região galega, as autoridades convidadas terão oportunidade de apreciar os principais pratos ali confeccionados, estando assim previsto para o último dia dos festejos, um almoço de confraternização, a que presidirá o ilustre Presidente do Município Dr. Miguel Fidalgo Areda.

Ribadavia é actualmente uma região demarcada, nomeadamente pelos seus capi-

tosos vinhos regionais, como também dos seus diversos pratos típicos da «gastronomia galega».

As Festas (Feira do Vinho), ficarão assinaladas com uma sessão solene no «Ayuntamiento» daquela localidade, e o encerramento das mesmas será com concertos musicais e sessões de fogo de artifício.

Alfredo Lourenço do Paço

Circo de Estrelas

Pela primeira vez, esteve na nossa vila, instalado no Campo da Feira o «Circo de Estrelas»; do qual é proprietário Rudy Vassallo, de nacionalidade italiana.

O circo, em qualquer parte é um espectáculo de atracção, pois que, pode dizer-se, ser a alegria das crianças, bem assim como o entretenimento dos adultos.

Apenas realizou um espectáculo, com a casa super lotada, tendo à última hora, que ser montada uma bancada suplementar para acomodar dezenas de pessoas, que ali acorreram, vindas de diversas localidades.

São numerosos os seus artistas, estrangeiros e nacionais em que destacamos o ilusionista Mariani e a incomparável parilha de palhaços parodistas e musicais portugueses, «irmãos Kikos»; os equilibristas; malabaristas e ainda o convidado especial o cantor José Malhoa, etc, que foram do inteiro agrado do público.

Alfredo do Paço

Futebol

Melgacense 1 - Lanhelas 1

Jogo a contar para a 21ª jornada do Campeonato Distrital

da Associação de Futebol de Viana do Castelo (1ª Divisão), disputado no Campo Municipal de Melgaço, entre as turmas do Sport Clube Melgacense e o Lanhelas Futebol Clube, que terminou com um empate a uma bola.

Árbitro Amadeu Sora, que teve como fiscais de linha, Rodrigo Costa (Bancada) e António Sousa (Peão) e as equipas alinharam da seguinte forma.

Melgacense - Cerdeira; Quim, Penteado, Gonçalves e Passos; Pedro, Zé Augusto e Raúl (cap.) (Toninho); Taboas, Zé Manel e Bimbas.

Lanhelas - Zé Pedro; Jorge, Cunha, Parente e Luis; Zé Maria (Dantas), Mesquita e Rui (cap.); Fernando, Guerreiro e Júlio (Ruas).

Marcadores: Bimbas aos 20 m e Rui aos 44 m.

O resultado aceita-se com certo, dada a boa actuação da equipa visitante, mas a haver um vencedor seria o Melgacense pelo seu domínio durante o encontro, em especial nos primeiros quarenta e cinco minutos.

Arbitragem certa.

Alfredo Lourenço do Paço

Resultado atrasado Arlares 0 - Melgacense 0

DE PADERNE

Até que enfim que os herdeiros da Preça do Porto do Rio que tem o seu início no antigo moinho de Fontainha, e seu termo na Quinta do Reguengo, têm praticamente os seus desejos concluídos. Esta Preça que, há tantos anos se enfrenta no maior estado de degradação, vai ser agora construída em canles de cimento. Para esse fim foi preciso organizar uma comissão de regantes que, não olhando a tempos perdidos, trataram, pelas vias competentes, de tudo que foi necessário, mandaram fazer e pagaram o projecto que em devido tempo foi entregue e aprovado. A verba já se encontra disponível e, agora, só falta o empreiteiro dar a sua decisão para que sendo possível ainda este ano possa ser utilizada.

PELO PESO

O maior quebra cabeças dos habitantes do Peso no Inverno muito especialmente dos que habitam nos prédios desde a capela Ranhada até ao Parque das Telhas, tanto a montante como a jusante da Estrada Nacional, eram as enormes árvores (plátanos). Fez correr bastante tinta com as exposições, pedidos e mais pedis

CONTINUA NA 3ª PÁG

«A VOZ DE MELGAÇO» PROPRIETÁRIOS ANTÓNIO LUIS VAZ E JÚLIO HILARIÃO VAZ

Director: JÚLIO HILARIÃO VAZ

Subdirector: CARLOS NUNO SALGADO VAZ

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Largo da Senhora-a-Branca, 105

- 4700 BRAGA - Tel. 25284

Composto e Impresso em Offset

Empresacoop-R. Bernardo

Sequeira, 591-Tel: 79 850

Braga

Assinaturas (Anual):

900\$00

Aos assinantes que recebem o jornal com uma 3ª dobra ou cinta mais 400\$00 por ano.

PELO PESO

CONTINUAÇÃO DA 2ª PÁG.

dos para que essas árvores que tanto mal faziam fossem em parte cortadas e podadas de modo a que os referidos habitantes não tivessem em noites de temporal ter de abandonar os seus lares e ir pedir abrigo onde se encontravam mais seguros, e em Freguesias diferentes. O que é certo, é que num belo dia deste mês apareceram no referido Peso 4 ou 5 funcionários duma "Empresa de Serração de Aúfena Valongo munidos de um camião Grua e de duas fortes motosserras, saltam para cima dessas indesejáveis árvores e fazem-lhe uma poda bem feita enquanto outras foram pelo pé.

A estrada está toda levantada e até em certos sítios mais estreita, os canos que servem de esgoto às águas bravas estavam sempre entopidos devido à folha e raízes, os telhados dos prédios assim como os canleiros entopidos e, ainda há pouco, caiu uma pola sobre um barracão que o desfez. A alegria de alguns do Peso foi de tal maneira consoladora que, quando a última árvore foi podada, estalou no ar bastante e forte fogo de artifício.

20/3/89
D.S.

DR. OLIVEIROS RODRIGUES
ADVOGADO
Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

DE CHAVIÃES

Desobriga Pascal

A desobriga pascal, nesta freguesia, teve lugar no pretérito sábado dia 18, tendo sido muitos os cristãos que cumpriram este preceito.

Mimosas em flor

Aqui e além apresenta-se-nos o quadro maravilhoso das mimosas em flor e outras árvores a florir, quer chova ou faça sol, a anunciam a primavera que se avizinha. É de facto, um grande prodígio da natureza que se gosa em todo o mundo, por esta quadra.

Alcunhas

Uma alcunha tanto pode ser herdada e prestigiar uma pessoa ou pessoas, como pode ser posta por maldade para rebaixar a dignidade dessa pessoa ou pessoas. Nesta freguesia como em qualquer outra parte, identifica-se mais depressa um habitante pela alcunha, se a tem, que propriamente pelo nome do baptismo. E isto de aplicar uma alcunha numa pessoa é coisa fácil e não é preciso recorrer ao registo civil e tanto pode colar para

sempre, como desaparecer em pouco tempo. Na minha unidade militar, que foi o extinto Batalhão de Metrelhadoras 3, da cidade do Porto, eu também tive uma alcunha. O sargento meu instrutor, talvez porque eu era o instruído mais apaixonado pela instrução de metrelhadora pesada do meu grupo, um dia chamou-me "seminarista" e deu lugar a que eu fosse indicado para frequentar as aulas de cabo. No entanto, a gracinha do sargento me ter chamado o cabo "seminarista" pegou e depois a malta da unidade para me distinguir chamava-me "seminarista". Evidentemente que nunca me importei, porque não era para mim ofensa.

Ofensa isso sim, a alcunha de ladrão, como sou tratado numa carta anónima que é a arma dos cobardes e outros palavroes infames, escrita por uma malfadada de uma mulher, que me enviou pelo correio apenas com a franquia de 50 centavos, que eu abri na melhor das intenções, julgando até tratar-se de algum agradecimento de funeral, onde eu tivesse comparecido porque o envelope era de luto. Qual o meu espanto, ao verificar que se tratava de maroteira e começa assim: "Estás quasi na sepultura e ainda suspiras pelo tempo do Salazar. Foste um ladrão do Estado, da Junta de Freguesia e dos vizinhos, etc., etc." Na boca suja de semelhante mulher, fui um autén-

tico cadastrado, mas sem alvará e sempre com a sorte de não ter caído na alçada das autoridades nem dos tribunais. Razão por que o meu registo criminal e a minha caderneta militar, estão limpinhos como a prata quando deviam estar enfarruscados. Enfim. Ser ladrão do Estado, no tempo em que por desviar duas peras ou duas maçãs da propriedade alheia, já o atrevido estava sujeito a ir coçar as costas para a cadeia; Ladrão da Junta de Freguesia, quando ela não tinha nem tem dinheiro em caixa para mandar cantar um cego; Ladrão dos vizinhos, só Deus sabe o que era difícil governar o barco,

porque havia o quiló do bacalhau a pataco, mas faltava o pataco para o pagar, por isso, quem tinha um ordenezinho certo era um rei e causava inveja a quem o não tinha. — Portanto é preciso ter coragem e não ser escrupuloso em escrever uma carta ou um bilhete por maldade e metê-lo dentro de um envelope e despachá-lo através dos serviços do CTT, para insultar e espesinhar cobardemente o seu semelhante, a quem muitas vezes é devida uma atenção, só uma pessoa de fracas estirpes é que tem coragem para o fazer.

António Luis Reinales

Compre agora e pague — em
12 MESES, em —

Móveis Castelo

DE Ramiro de Lima A. Cerqueira

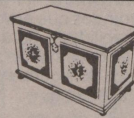
RUA DAS ESCOLAS
TELEF. 42695 — 4960 MELGAÇO

EXPOSIÇÃO: RUA DA CALÇADA

ELECTROVISÃO

Maria Adelaide Fernandes
Agente oficial das marcas
AEG TELEFUNKEN e
GRUNDIG
Assistência Técnica
VENDA DE APARELHOS
ELECTRODOMÉSTICOS

RUA DO RIO DO PORTO
TELEFONE 42650 - 4 O MELGAÇO



MARIA FERNANDES DO VAL BRITO

SEGUROS

Vivendas - Apartamentos - Terrenos -
A.C.P. Autogrupos

42433 - S. Gregório
Telefs. { 43111 - Rua Velha - Vila 4960 - MELGAÇO

AMIGO LEITOR

Pagar sempre a assinatura
Bem cedo e directamente
É contributo importante
Que pode dar toda a gente.

MANUEL CAJÃO

MÉDICO — CLÍNICA GERAL

CONSULTAS: todos os dias e ao domicílio.

FONTE DA VILA — TEL. 42820
MELGAÇO

JOAQUIM RODRIGUES TEIXEIRA & C^ª, L. ^ª

CONSTRUÇÕES DE PRÉDIOS PARA
VENDA
ALTA QUALIDADE A PREÇOS
COMPATÍVEIS

EM BRAGA

Escritório :
Avenida Central, 54 - 1^º
Telefones :
27256 - 25185



FABRIMAR DO PRINCIPIO AO FIM

UMA RAÇÃO DE RAÇA

**À VENDA NA COOPERATIVA DE
MELGAÇO**

FABRIMAR

**FÁBRICAS DE MOAGENS
DO MARCO, LDA**

ASSINE E DIVULGUE "A VOZ DE MELGAÇO"

CONSTITUIÇÃO DE SOCIEDADE

No dia nove de Março de mil novecentos oitenta e nove, no Cartório Notarial de Melgaço, perante mim, Manuel Augusto de Sousa Vilarinho, Segundo Ajudante do Cartório, no pleno exercício de funções notariais, em virtude do lugar de Notário ser encontrar vago, compareceram como outorgantes:

PRIMEIRO

JOSÉ ANTÓNIO LOURENÇO, natural da freguesia de Paderne, deste concelho, onde reside no lugar de Sante, casado com Rosa Maria Pereira Gonçalves, sob o regime da comunhão geral de bens, contribuinte fiscal número 142 696 498;

SEGUNDO

JOSÉ ANTÓNIO FONSECA FERNANDES, natural da freguesia de Gonça, concelho de Guimarães, casado com Fernanda de Fátima Lourenço, sob o regime da comunhão de adquiridos e residente no lugar de Corçaes, freguesia de Rouças, também deste concelho, contribuinte fiscal número 168 323 885.

Verifiquei a identidade dos outorgantes, pela exibição dos seus bilhetes de identidade, respectivamente, números 3762204, de 18 de Outubro de 1988 e 3521786, de 19 de Dezembro de 1986, ambos do Centro de Identificação Civil e Criminal de Lisboa.

PELOS OUTORGANTES, FOI DITO:

QUE, pela presente escritura constituem entre si uma sociedade comercial por quotas, que se regerá pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

1º

A sociedade adopta a firma "JOSÉ ANTÓNIO LOURENÇO & FERNANDES, LDA", tem a sua sede no lugar de Sante, freguesia de Paderne, deste concelho de Melgaço, e a sua

duração é por tempo indeterminado, a contar de hoje.

2º

A sociedade tem por objecto: - sondagens geológicas, consolidação de terrenos e fundações.

3º

O capital social é de QUATROCENTOS MIL ESCUDOS, integralmente realizado em dinheiro e corresponde à soma de duas quotas iguais, de duzentos mil escudos, cada, pertencendo uma a cada um dos sócios José António Lourenço e José António Fonseca Fernandes.

4º

A gerência, remunerada ou não, conforme for deliberado, e dispensada de caução, fica a cargo de ambos os sócios, que desde já são nomeados gerentes, podendo qualquer deles assinar todos os actos de mero expediente;

Parágrafo único: - Para os actos e contratos que envolvam responsabilidade para a sociedade, são necessárias as assinaturas dos dois gerentes, para obrigar a mesma.

5º

A cessão de quotas entre os sócios é livre; a terceiros depende do consentimento da sociedade, ficando esta com o direito de preferência.

6º

Quando a Lei não exigir outras formalidades ou prazos, as assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas, com aviso de recepção, dirigidas aos sócios com, pelo menos, dez dias de antecedência, cartas que deverão conter o dia, hora, local da reunião e a ordem de trabalho.

ASSIM O DISSERAM E OUTORGARAM.

ADVERTI OS outorgantes da obrigação de requererem o registo deste acto, na competente Conservatória, dentro do

prazo de noventa dias, a contar desta data.

EXIBIRAM: - Certificado, emitido em 27 de Fevereiro, último, pelo Registo Nacional de Pessoas Colectivas, comprovativo da admissibilidade da firma da sociedade ora constituída.

ARQUIVO: - Duplicado de depósito, efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Agência de Melgaço, em nome da sociedade ora constituída, com o montante de quatrocentos mil escudos.

Esta escritura foi lida e o seu conteúdo explicado aos outorgantes, em voz alta e na presença simultânea de ambos.

Rasurado: "sondagens, remunerada, Para, depende, o, OUTORGARAM,

José António Lourenço
José António Fonseca
Fernando

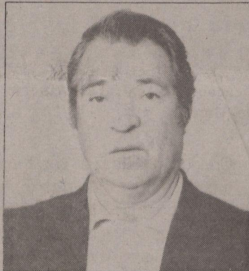
O Ajudante, em exercício de funções,
Manuel Augusto de Sousa
Vilarinho

Estatística: - Série AA
Caderneta: - 2682 Verbetes: -
6

Conta registada sob o número 452.

ANTÓNIO DOMINGUES (VITÓRIA)

AGRADECIMENTO



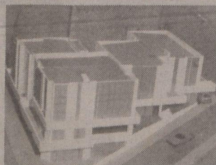
Sua esposa, filhos, genero e demais família enlutada, vem por este único meio agradecer as provas de carinho e amizade que lhe manifestaram a quando do falecimento de seu ente querido, acompanhando-o à sua última morada, pedindo desculpa de qualquer falta involuntária.

CENTRO DE SAÚDE DE MELGAÇO

LINHA AZUL

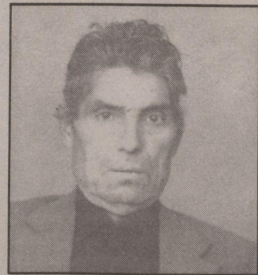
"Sempre que algum Utente pretenda marcar consulta, pedir algum esclarecimento, apresentar alguma queixa ou sugestão, deverá marcar o número 43 618 designado - Linha Azul".

CONSTRUMINHO, L.D.A.



Largo da Calçada
Telef. 42039 - 4960 Melgaço
Rua Almirante Ramos Pereira
Telef. 91 13 72
4915 Vila Praia de Ancora

AGRADECIMENTO



A esposa, filhos e netos de ANTÓNIO RODRIGUES, que faleceu em Roussas no dia 30 de Janeiro, no lugar da Eira, natural de Lamas de Mouro, filho de José Rodrigues e Albina Rodrigues, sendo o mais velho de 7 irmãos a esposa do senhor Cardoso, de Lamas; tendo o falecido, que foi o segundo filho, casado em Roussas com a senhora Maria Fernandes, do lugar da Eira, em 1955, tendo estado como emigrante em França 24 anos, vem agradecer publicamente todas as provas de carinho e de solidariedade que lhe foram prestadas por ocasião do seu funeral. A família ficou muito sensibilizada com o grande número de pessoas que acorreram à Eira para se juntarem à dor da família. Veio de Alcobça e de Castro Laboreiro, de Lamas, Peneda, S. Paio, Paderne e até Paços, além dos de Roussas que, como é salutar costume, apareceu uma pessoa de cada casa.

A esposa quer agradecer vivamente aos seus vizinhos que tanto trabalharam nos dois dias, o da morte e o do funeral, bem como a todos aqueles que a visitaram e a procuraram consolar no meio de tanta dor. O mesmo querem fazer as suas filhas Aldina de Jesus Rodrigues e Maria de Jesus Fernandes.

ANIVERSÁRIO

No dia 10, deste mês de Abril, festeja o seu aniversário natalício o nosso querido amigo e prezado assinante, o Sr. Artur Fernandes Soares, natural da freguesia de Prado, do lugar dos Bouços, e a residir em Lisboa. Ao bom Amigo e à sua dedicada esposa D. Palmira Matos Soares, os nossos parabéns e muitas felicidades.

AGRADECIMENTO

A família de Augusto Acácio Correia, que morou em S. Gregório, vem por este único meio agradecer a todas as pessoas que as acompanharam na doença e funeral, bem como em todos os actos de culto, pedindo desculpa de alguma falta involuntária, se é que a houver.

A Família

FAZEM ANOS

No mês de Abril

No dia 1, a srª D. Maria Cândida da Cunha Esteves de Sousa Menezes; no dia 2, a sr. D. Maria Teresa Fernandes e o sr. João Eugénio Lucena; no dia 3, a srª. D. Maria Isabel Salgado Fernandes e as meninas Ana Maria Silva Barros e Amália Maria de Sousa Gonçalves; no dia 4, os srs. Alberto Caetano de Sousa e Vitor Manuel Esteves Machado; no dia 5, a srª D. Graça Maria Gonçalves Cavaleiro da Costa e os srs. António da Ascensão Dantas da Costa Afonso, António Bernardino (Maláquias), Carlos Alberto de Sousa Mendes, António Manuel Esteves, Armando Barreiros e D. Maria Amélia Rodrigues Lopes; no dia 6, a srª. D. Maria Estela Esteves Gonçalves e o sr. Faustino Guimarães Lima; no dia 7, a srª. D. Ana Maria Peres Dias; no dia 8, as Srªs D. Maria Emília da Silva Calheiros, D. Maria Fernanda Domingues, D. Maria Beatriz Rodrigues de Sousa e D. Maria de Lurdes de Castro; no dia 9, a srª. D. Noémia Alves Dantas e o sr. arquitecto Luis Manuel de Magalhães Fernandes Pinto; no dia 10, a srª. D. Margarida Maria Dantas da Costa Afonso; no dia

11, a srª. D. Maria Olinda Rodrigues Lopes e o sr. João Francisco dos Santos Val; no dia 12, os srs. Aurélio Ferreira Cardoso, Rui Domingues Abreu e António Maria Nunes de Freitas; no dia 13, a srª. D. Maria da Glória Pinto Matos Nunes de Freitas; no dia 14, a srª. D. Anésia Almeida Alves e os srs. Prof. Manuel Augusto Vaz, Manuel Inácio Durães e Vitor Manuel dos Santos Val; no dia 15, os srs. Manuel José Igrejas e Norberto Nunes de Castro; no dia 16, o sr. Abel Júlio de Melo; no dia 17, as srªs. D. Maria do Rosário Lima Pereira, D. Maria do Céu Dantas da Costa Afonso e o sr. Anésio Augusto Fernandes; no dia 19, as srªs. D. Antonieta da Ascensão Moraes Azevedo e D. Adelaida Gomes de Sousa; no dia 20, a srª. D. Maria Fernanda Santos do Val e o sr. Manuel Duarte de Almeida; no dia 21, a srª. D. Genoveva de Fátima Vilas e o sr. Domingos da Silva Teixeira; no dia 22, o sr. José Manuel Cardoso; no dia 24, as srªs. D. Rosa Amália Gonçalves, D. Maria Angelina de Almeida, os srs. Horácio César de Oliveira e José Henrique Domingues; no dia 25, a menina Mariana Paula Cardoso; no dia 26, a srª. D. Maria Armanda da Cunha Esteves Marinho e a menina Estelle Marinho; no dia 27, o sr. António Manuel do Paço, no dia 28, a srª. D. Maria Cristina Barros de Almeida; no dia 29, a srª. D. Maria Rosa de Sousa Lima Solheiro; no dia 30, as srªs. D. Maria da Conceição Gonçalves, D. Maria Madalena Lima Pereira, os srs. Artur Passos Teixeira, Francisco Augusto Igrejas, José Luis de Araújo Gonçalves e Arlindo Domingues Afonso.

EXPRESSO DO ALTO MINHO

Comodidade - Rapidez - Economia
Autopullman de luxo - Serviço de Bar

VIAGENS RESENDE

Porto - Rua dos Carmelitas, 7
Lisboa - Rua dos Bacalhoeiros, 20-A

e AUTO VIAÇÃO MELGAÇO, LDA.

NOVO HORÁRIO DO EXPRESSO
S. GREGÓRIO - PORTO

b	a	c	LOCALIDADES	d	b	a
7.30	15.00	19.15	P S.GREGÓRIO C		20.25	23.00
7.45	15.15	19.30	Melgaço	8.45	20.10	22.50
8.15	15.45	20.05	Monção	8.15	19.40	22.20
9.10	16.30	21.00	Arcos de Valdevez	7.30	18.55	21.35
9.15	16.40	21.15	Ponte da Barca	7.25	18.45	21.25
9.50	17.10	21.45	Vila Verde	6.55	18.15	20.55
10.15	17.25	22.00	Braga	6.40	18.00	20.40
10.35	17.45	22.30	V. N. Famalicão	6.10	17.25	20.05
11.25	18.48	23.15	C PORTO P	5.30	16.30	19.10

- a) - às 6.as feiras ou vésperas de feriados
- b) - De 2ª a 6ª feira excepto feriados.
- c) - Aos Domingos e feriados
- d) - às 2.as feiras.

PERANTE A BELEZA ESSENCIAL OU A ARQUITECTURA DO MOSTEIRO DE FIÃES

No final da eucaristia, o prof. Dr. Carlos Alberto Ferreira de Almeida, docente da Faculdade de

diferente e que nele se incrustaram, como sejam as talhas do altar-mor e a janela aberta nele para dar

como nas colunas que ainda existem, embora noutros locais, tais como as que se reproduzem na fotografia e ainda outra que está em Soutomendo.



O Dr. Carlos Alberto F. Almeida falando

Letras, especialista em arquitectura, fez uma leitura do Mosteiro de Fiães, ou seja, ajudou-nos a tentar entender o que é que a arquitectura deste templo nos ensina, pois que a arquitectura, a maneira como está concebido e realizado um templo, também é uma maneira eloquente de falar.

Como grandes ideias de fundo, apanhamos estas: 1- Este mosteiro obedece às regras arquitectónicas de Cister que procuravam materializar um pensamento de S. Bernardo: «Diante de Deus, o homem deve apresentar um coração de oiro, porque esse é que é importante. Os vasos de que se serve na liturgia podem ser de chumbo». Ou seja: seria uma perversão ter vasos de ouro e fazer a oferta, a oração, com um coração pobre e pesado, como o chumbo.

2. - Esta primeira grande ideia leva a que na concepção do templo cisterciense, a aposta seja na beleza essencial das estruturas e não na beleza secundária, a ornamental.

O templo de Fiães é manifestação disso mesmo, embora também já se notem outros elementos que são fruto de uma mentalidade

mais luz, e as ornamentações da parte exterior do templo, as da fachada da entrada principal. Isto porque também houve no percurso do pensamento cristão quem dissesse que, perante Deus, o homem deve apresentar um coração de oiro e vasos também de ouro, ou seja, onde a ornamentação também assumia lugar importante.

3.- A estrutura da Capela - Mor e das duas laterais obedece ao princípio de que a capela central teria o dobro de cada uma das laterais. O mesmo princípio se repetia depois no corpo da igreja.

4. - Junto ao mosteiro havia de certeza um claustro. Isso é bem patente, quer nos testemunhos daqueles que ainda se recordam de ter visto alguns restos do claustro,

5. - É mesmo de crer que tenha havido um pequeno Castelo de defesa em Fiães.

As escavações seriam muito importantes para se tentar descobrir quer o claustro, quer os vestígios do castelo.

Num mosteiro como Fiães, o homem enquadra-se na natureza em atitude de profundo recolhimento e oração, com todos os sentidos irmanados em ajudar ao louvor mais perfeito e total que seja possível à criatura elevar ao



A assembleia ouvindo as explicações do Dr. Carlos Alberto Ferreira de Almeida



«Interessados» especiais nas explicações arqueológicas: Sr. Bispo, Dr José Marques, Pe. Lourenço e Pe. Bernardo serve de todos os elementos da natureza e da arte para o ajudarem na mais nobre das tarefas que ele é chamado a acometer.

Stand Auto Lourenço

Fonte da Vila — Melgaço — Telef. 43143

PNEUS, ÓLEOS, LUBRIFICANTES, BATERIAS, ALINHAMENTO DE DIRECÇÕES, EQUILIBRAGEM DE RODAS E AFINAÇÕES.

AUTOMÓVEIS E COMERCIAIS
TOYOTA

Agente Oficial

DR. LEITE D'ALMEIDA

DOENÇAS DOS OLHOS
CIRURGIA - LENTES DE CONTACTO

CAMPO DA VINHA, 23 - 2º

TEL. 71477 - BRAGA

RUA DE CEUTA, 60 - 3º

TEL. 24288 - PORTO

CONSTRUÇÕES DE:

JOÃO DA COSTA PEREIRA DE MACEDO

COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES

- * Vivendas e Apartamentos
- * Escritórios - Estab. Comerciais
- * Quinta - Lotes para construção
- * Venda e aluguer de armazens

CONTACTE

ESCRITÓRIO:

Av. da Liberdade, 498-1º Esq.
4700 BRAGA - Telef. 26535 - 77318

RESIDÊNCIA:

PRADO - 4730 - VILA VERDE
Telef. 921319

ELECTROTECNICA

António Solha & Irmão
Praça da República
4960 MELGAÇO

* Rádio - Instalações Eléctricas
* Televisão - Amplificações Sonoras

Agentes da SIEMENS

Assistência Técnica qualificada
TELEFONE: 42294

SERRALHARIA ARTÍSTICA CODY

- PORTAS - CAIXILHOS - MARQUISES -
(Tudo em Alumínio Anodizado)

de Carlos Alberto Codesso
Granjão - Paderne - Telef. 42244

4960 MELGAÇO

DR. RUI TAXA ARAÚJO

— CONSULTAS —

2ª 3ª 5ª 6ª

DAS 9.00H. às 12.00 Horas

— CONSULTÓRIO E RESIDÊNCIA

NA RUA DO CINEMA - 1º DTO.

Tel. 42914 — MELGAÇO

DOMICÍLIO A QUALQUER HORA

DR. JOÃO GASPAR

— CONSULTAS —

Todas as Tardes

Das 14.00 H. às 18.00Horas

Trav. Dr. António Durães

(Junto à E.D.P.) — 2º Andar

Telef. 42997

EM QUALQUER LUGAR

FOI EM MELGAÇO...

Aqui se pediu ao Rei D. João I que entregasse o convento da Batalha (Vitória) aos Dominicanos.

Se podemos dizer que a Tomada do Castelo de Melgaço aos Castelhanos completou a derrota dos mesmos castelhanos em Aljubarrota, podemos também afirmar que foi em Melgaço, durante o cerco para a conquista do Castelo, que foi pedido ao Rei que confiasse o Convento da Batalha aos padres Dominicanos.

O pedido foi feito pelo Dr. João das Regras e pelo confessor de D. João I, Frei Lourenço Lampreia.

Assim no-lo diz Frei Luis de Sousa na «História de S. Domingos» cujo texto transcrevemos:

CAPITULO XII

Origem, e principio da fundação do Real Convento de Nossa Senhora da Vitória no lugar da Batalha

Achava-se el-Rei Dom João o primeiro d'este, e decimo no número dos Reis de Portugal nos campos de Aljubarrota, termo da cidade de Leiria alojado em hum estreito arraial, e acompanhado de poucos vassallos, ainda que fiéis, e animosos, determinados. Tinha defronte outro Rei também João, e também primeiro dos Reinos de Castella, o qual trazia consigo todo o poder de suas terras, e muita gente das de Portugal, que

o seguia, ou por interesse próprio, ou enganada da causa. Era força vir às mãos. E como todos os successos da guerra são incertos, e a batalha estava em grande estremo arriscada da parte dos Portugueses, polo pouco número d'elles, comparado com a multidão contraria, que cobria montes e vales: vendo todavia que por ser buscado, e dentro em seu Reino, não podia escusar-se sem grande descredito, e perda de reputação: procurou na hora que se determinou em pelejar, valer-se do socorro do Ceo, e pedir a vitória áquelle Senhor, que as dá e tira, e por isso se chama Deos dos exercitos. E invocando por midianeira a Virgem Mãe, porque em vespera de sua gloriosa Assumpção foi a jornada, prometeo que sahindo vencedor lhe edificaria hum famoso Mosteiro. Foi Deos servido fazel-o vencedor: ficarão vencidos nas armas, os que vencião em poder e confiança: e podemos crer que foi a causa de sua destruição seguir, e sustentarem, como seguíam, e sustentavam as partes de hum Clemente Antipapa scismatico, e levantado contra o verdadeiro pastor da Igreja, e Vigario de Christo Urbano sexto, successor de Gregorio undecimo. Com a vitoria deu Deos ao Protuguez tambem o Reino, que brevemente foi reduzido todo à sua obediencia. Mas no tempo que tardou em o quietar de todo, não quiz dilatar o cumprimento e desobrigação do voto. Com as armas às costas re-

via traças, consultava Architectos, buscava officiaes: e ganhando por huma parte áforça lugares rebeldes, que lhe resistião, hia por outra edificando paredes sagradas. E foi assi, que já havia tres anos que a obra do Mosteiro corria, quando estando de cerco sobre o Castelo de Melgaço, assentou de o dar à Ordem de São Domingos, segundo o achamos declarrado no testamento, que muitos annos depois fez em huma verba que diz assi:

Porque nos prometemos no dia da Batalha que houvesse com el-Rei de Castella de que Nosso Senhor Deos nos deu vitória, de mandarmos fazer à honra de Nossa Senhora Santa Maria, cuja vespera então era, á cerca donde ella foi, hum Mosteiro: o qual depois que foi começado, nos requireo o Doutor João das Regas do nosso Conselho, e Frei Lourenço Lamprea nosso Confessor, estando nós em cerco de Melgaço, que ordenassemos que fosse da Ordem de S. Domingos. E nós duvidamos de o fazer, porque assi foi nosso promettimento de se fazer à honra da dita Senhora Nossa Santa Maria. E responderão-nos que a dita Ordem especial era muito da dita Senhora, declarando-nos as razões porque: as quaes vistas por nós, acordamos, e prouve-nos de ordenar o dito Mosteiro que fosse da dita Ordem, etc.

Tanto que el-Rei se fez senhor de Melgaço, e se veio recolhendo para baixo, parou na cidade do Porto, e n'ella mandou pas-

sar carta de doação á Ordem no principio do anno de 1388, cujo treslado tirado do proprio, que se guarda no cartório do Convento, he o seguinte.

Dom João pola graça de Deos Rei de Portugal e do Algame. A quantos esta carta virem fazemos saber, que por honra da Virgem Maria nossa defensora, e d'estes Reinos, consirando as muitas estremadas graças, que do seu benito Filho a rogo d'ella sempre recebemos, assi em guarda de nosso corpo, como exalçamento dos ditos Reinos em as guerras e mesteres em que fomos postos, especialmente na batalha e campo que havemos com os Castellanos, dando-nos d'elles vitoria maravilhosa, mais por sua misericórdia, que polos nossos merecimentos, propozemos em rememrança dos beneficios por ella recebidos de edificar, e mandar fazer casa de oração em qual é a honra e louvor da dita Senhora se faça serviço a Deos.

A qual de feito já mandamos começar apar da Canoeira. E porque segundo Deos, e verdade os Fraires Pregadores da Ordem de S. Domingos som mui devotos em ella, assi por as suas obras, como polo habito que de suas mãos receberão, são outro si merecedores de todo bem, e mais que a Nosso Senhor, e a dita Senhora sua Madre servem em cada hum dia, e saberão servir ao diante rogando a elles por nós, e polos suzoditos Reinos. Porende nós suzodito Rei a honra e louvor dos suzoditos Senhores de nosso

próprio movimento, livre vontade, e por comprir outro si aquilo que presupo havíamos, damos, doamos, e dedicamos à Ordem de S. Domingos o nosso Mosteiro de Santa Maria da Vitória, que nós ora mandamos fazer a par do dito logo da Canoeira, termo de Leiria, à honra da dita Senhora com todos seus direitos e pertenças. E rogamos aos Frades da dita Ordem, áquelles, a que de direito he cometida a administração d'ella, especialmente a Frei Lourenço nosso Confessor, que tome o encargo e posse da dita casa, e Mosteiro por esta nossa carta: a qual queremos e outorgamos que seja firme e valedoura pera todo o sempre. E mandamos outro si, e rogamos a todos nossos filhos, nossos ereos, e successores que hajão o dito Mosteiro encomendado, e o acrecentem sempre de bem em melhor, e defendão em os privilegios e liberdades, que lhe per nós, e per os Padres Santos forem dados: em quanto seu poder abranger, e ao dito Mosteiro for necessario e compridouro, sob pena de nossa benção. E pera esto outro si haver mais pronta e comprida execução, rogamos, e mandamos ao Doutor João das Regas do nosso Concelho, que perante nós e suzoditos successores seja promettedor e requeredor de todo o bem, prol, e honra do dito Mosteiro e Frayres d'elle. E em testemunho d'esto lhe mandamos dar esta carta assinada por nossa mão. Dada na cidade do Porto quatro dias de Abril. El-Rei o mandou. Alvaro Gonçalvez a fez Era de M.CCCC. XXVI. annos. Rei. (Responde ao anno do Senhor de 1388).

CASA DE MORADA E TERRENOS

VENDEM-SE EM ROUÇAS

No lugar de Crasto, mesmo junto à estrada, casa ainda nova, terrenos de cultivo com muita vinha e muita água.

Trata: **António Fernandes**
Presidente da Junta de Rouças



AGÊNCIA
IMOBILIÁRIA

de - HEITOR D. CAMPOS AMOEDO

MEDIADOR OFICIAL DE IMÓVEIS

Para uma justa avaliação das suas propriedades

COMPRAR - VENDER

ALUGAR OU ARRENDAR - COMERCIAL OU HABITAÇÃO

PREDIMONÇÃO: Rua General P. de Castro-20

Telef: 52872 = 4950 MONÇÃO

VENDA

DE CASA COM CAMPOS E ADEGA NA
CORREDOURA — PRADO

TRATAR COM : **GERMANO CARABEL**
S. JULIÃO — MELGAÇO

Dr. Paulo Malheiro
ADVOGADO

Parque Delfim Guimarães, nº 7 - 1º Dto.
— 2700 Amadora

Telef. 4940478

BEATRIZ AUGUSTA RIBEIRO LIMA

**AGENTE
DISTRIBUIDORA
DOS VINHOS DO
PORTO**

AV. Dr. António Durães
4960 - Melgaço
Telefones: 42302 - 43113



BENTO GOMES

**Materiais de
Construção Civil**

Telefone: 4 21 13

4960 MELGAÇO

**MANUEL ANTÓNIO
RIBEIRO**

SOLICITADOR

Largo Hermenegildo
Solheiro

MELGAÇO

VI CENTENÁRIO DA TOMADA DO CASTELO DE MELGAÇO

- Igreja do Mosteiro de Fiães -

Dia 4 de Março de 1989

Meus caros fiéis:

Esta igreja de Santa Maria de Fiães, do antigo e histórico mosteiro, é hoje lugar e cenário para uma comemoração que reputamos justa e para uma celebração a que entendemos dar a solenidade possível. Evocamos aqui acontecimentos faustos da História de Portugal, fixados e certamente imperecíveis na memória colectiva do povo.

O mosteiro de Fiães, cuja história se concentra e revive nesta igreja mais que em outro lugar ou vestígio, não pode desligar-se de Melgaço ou ser esquecido quando celebramos o VI Centenário da tomada do Castelo de Melgaço por D. João I. Assim nesta igreja recordamos hoje toda a vida do seu mosteiro, na intimidade e recolhimento do claustro aqui ao lado, na azáfama dos trabalhos agrícolas fora da cerca e nas relações ou jurisdições exercidas em povoações e igrejas que estavam muito para além dos limites geográficos de Melgaço, e simultaneamente recordamos páginas importantes da história da vila, a qual ficaria gravemente mutilada se lhe retirássemos as referências ao mosteiro de Fiães.

Igreja, mosteiro e concelho permanecem aliados na nossa memória como ideias promotoras destas Celebrações, porque de facto foram as três componentes fundamentais do cenário e dos factos que nestes dias lembramos. Sem terras e sem igreja vasta e aberta não podia conceber-se um mosteiro beneditino cuja Regra obedecia às exigências da oração e do trabalho - ora et labora. Estes mosteiros foram de facto centros de piedade e de vida religiosa, focos de desenvolvimento e de progresso agrícola, de povoamento e de colonização, escolas de ensino e de promoção cultural, fontes de evangelização e veículos de relacionamento social. Sendo de natureza diversa, estes valores coexistiam e interpenetravam-se, convergiam e harmonizavam-se como factores de crescimento demográfico, de progresso económico, de cultura intelectual e de evolução social.

Um dos maiores vícios na interpretação do passado (um dos maiores vícios e um dos mais tentadores e mais dominantes ainda) é o anacronismo com que se submete o passado aos critérios historiográficos do presente e sobretudo às ideologias da moda. E é por isso que estão por abater e eliminar as barreiras que impedem um justo e objectivo exame do contributo que a Igreja e as suas instituições e congregações deram à causa da cultura, da civilização, do desenvolvimento e do progresso da Pátria. Foi à volta de igrejas e mosteiros que se concentraram as populações e se organizaram as freguesias - comunidades de "filhos da Igreja" ou fregueses. São os mosteiros e as igrejas, conservadas ainda ou a gritar como restos ou despojos, o acervo fundamental do património cultural português. Das bibliotecas de mosteiros e de seus arquivos foi recolhido o fundo mais importante da nossa cultura, patente nas Bibliotecas e Arquivos oficiais. A própria vida política portuguesa, a partir de D. Afonso Henriques, andou ligada à influência de mosteiros e conventos, e ao conselho de priores, abades e bispos.

Recordamos sem nostalgia, anotamos sem juízo crítico, mas registamos com objectividade. Quando nos reunimos em Melgaço e em Fiães, neste extremo que não queremos seja um arrabalde de Portugal, para celebrar o VI Centenário da tomada do Castelo de Melgaço, creio que estamos dentro do sentido e da verdade da História, independentemente da evolução e mudança de regime, das vicissitudes políticas e do relacionamento entre o Estado e a Igreja. Não está em causa o regime político e a opção de cada um, nem está em causa a instituição militar, nem a sociedade civil, nem uma renovada aliança entre o trono e o altar, nem eventual demagogia junto da que seria a «arraia miúda» em tempo de democracia. Estamos a celebrar um acontecimento que é da Pátria comum, e sentimos que a celebração diz respeito ao Estado e ao Governo, ao Município e à Autarquia, à Igreja e ao povo, ao mosteiro histórico e à paróquia que o eterniza. E permiti-

me V. Ex. cias, muito ilustres representantes dos Poderes públicos, que sublinhe com ênfase o exemplo desta assembleia cujos celebrantes evocam, em situações diferentes e por direito de todos, acontecimentos gratos à condição, igual, dos portugueses. Isto... para que conste e sirva de exemplo... (Não pode passar sem reparo que em Portugal se tenha iniciado ou tentado iniciar a Comemoração do V Centenário dos Descobrimentos marginalizando a Igreja, como se esta nada tivesse a ver com os Descobrimentos, a aproximação dos povos e o movimento cultural desse período).

Que celebramos então nestes dias?

Não é este o lugar para lições eruditas de História. Nem esta deveria ser ocasião para repetir sem rigor e sem autoridade científica o que nestas Comemorações e em sede competente foi dito já. Mas, sendo certo que este templo não é Cátedra universitária nem tribuna de Academia, também importa notar que o povo que durante séculos animou e perfumou de oração esta igreja é o mesmo que hoje nos recebe com a hospitalidade com que recebeu D. Filipa de Lencastre e a sua comitiva em 1388. É sobretudo para este povo hospitaleiro que desejo recordar em breves traços o momento histórico e os acontecimentos da vila de Melgaço, que estão na origem da vinda da Rainha ao mosteiro que o tempo levou e certamente a esta igreja que a fé e a fidelidade deste povo conserva. Aqui imaginamos a Rainha ajoelhada como nós para rezar as nossas orações ao mesmo Deus, a Santa Maria e a São Bento. A história de acontecimentos como este não sobrevive sem tradição, e é muito pobre e fria sem lenda. Nos factos que são verídicos, na tradição que os transporta pelo tempo e na lenda que lhes dá humanidade e ternura, reside o todo da verdade que exige memória e celebração. Por isso me apraz sintetizar os acontecimentos que estamos a celebrar, sobretudo porque o povo celebra em autenticidade como ninguém,



O SENHOR BISPO DE VIANA PROFERINDO A HOMILIA

e sem o povo que protagonizou os factos não é lícito presumir celebrar com verdade.

Os

acontecimentos

Pela morte do Rei D. Fernando em 1383, Portugal entrou em período que os historiadores chamam de crise, interregno ou revolução. Estava em causa a sucessão e a legitimidade. Perante as pretensões de Castela e as tendências da nobreza em vertigem por Castela, o povo aclamou o Mestre de Avis «regedor e defensor do Reino» (16 de Dezembro de 1383). Seguiram-se tempos de insegurança, divisão e quase guerra civil, com o Rei de Castela a reivindicar direitos e as partes litigantes em Portugal a unirem-se de facto, sem aparências embora, no desejo da independência a manter. Mas havia excepções em casos pessoais da nobreza e em vilas ou castelos ocupados. Eleito Rei de Portugal nas Cortes de Coimbra (6 de Abril de 1385), D. João I tinha perante si uma tarefa imediata - impor a sua

soberania em todos os lugares do Reino. Logo no mês de Abril partia de Coimbra em direcção ao Porto, Guimarães e Ponte de Lima.

Era esta a primeira campanha do Norte. E em 1388 partia de Braga para a última campanha em terras de Entre-Douro e Minho. Como diz Fernão Lopes, o Rei «decidiu ir sobre Melgaço, ... vila cercada sem subúrbios, de bom muro e forte castelo, do senhorio do seu Reino, que os inimigos lhe tinham tomado» (Crónica de D. João I, cap. 133). Esta narração do Cronista, apesar de leituras várias e de acomodações diferentes, permanece substancialmente como fonte segura dos factos que recordamos em síntese:

- Em Fevereiro de 1388 D. João I partiu de Braga para Melgaço com o seu exército e alguns conselheiros;

- O arraial do Rei foi montado fora da vila, não longe;

- Começaram imediatamente os combates e escaramuças, de parte a parte;

- O Rei mandou construir uma «bastida» (espécie de tor-

Continua na 8ª pag.

VI CENTENÁRIO DA TOMADA DO CASTELO DE MELGAÇO

- Igreja do Mosteiro de Fiães -

Continuação da 7ª pág

re) e duas escadas, para atacar a muralha e o castelo;

- Um dia, junto à muralha, encontraram-se, numa tentativa de acordo, um emissário do Rei e um representante da vila. Não chegaram a acordo. Nesse mesmo dia, segundo o Cronista, houve peleja entre duas mulheres, uma da vila e outra do acampamento real: «Andaram aos cabelos, e venceu a do acampamento» (cap. 135). A tradição posterior identifica-as como Arrenegada, ou Renegada (a da vila) e Inês Negra (a do acampamento real).

- «Entretanto, chegou a Rainha a Monção», e com ela vinham, entre outros, o Dr. João das Regras. «E depois veio a Rainha para o mosteiro de Fiães» (cap. 135).

- Em Melgaço preparava-se o assalto à muralha e ao Castelo, com a bastida e as escadas previamente preparadas. «E querendo o Rei mandar avançar os seus artifícios para combater o lugar, fez saber à Rainha que viesse ver o dia do combate. E ela veio, então, ali» (cap. 135).

- O combate decisivo iniciou-se, mas o acordo prevaleceu sobre a violência. Após algumas discussões e apesar da renitência inicial do Rei, João Roiz de Sá conseguiu que se aceitasse o seu parecer e avisou - fez-se um acordo, a que Fernão Lopes chamou **pretesia**: os da vila deram a vila e o Castelo ao Rei, e prestaram-lhe a vassalagem.

- O Rei voltou com a «Senhora Rainha» para a vila de Monção. E dali tomaram o caminho de Ponte de Lima, onde chegaram em 27 de Março de 1388.

Parece-nos que a crónica e relato dos acontecimentos permitem uma série de ilações que só em parte e ao de leve enunciaremos. Desde logo, impressiona no jovem Rei que é D. João I a autoridade serena, o espírito de iniciativa, a confiança demonstrada e a tranquilidade manifesta com que empreendeu estas campanhas de pacificação ao norte, até ao extremo do território, e até o estado de graça conjugal e familiar que o levou a chamar a Rainha para que «viesse ver o dia do combate» nestas terras onde ela viera para estar, com a sua comitiva, perto do marido e do seu exército.

Transparece do êxito relativamente fácil de toda a campanha que o Rei contou com a solidariedade e apoio das populações, encontrou por toda a parte uma sintonização clara na ideia de independência nacional, desfez com naturalidade focos de resistência desmoralizados e sem apoio, desejosos de salvar alguma honra numa causa que perdiam sem tragédia.

A história das mulheres que se enfrentaram («que andaram aos cabelos»), bem pode ser história que a tradição conserva como símbolo respectivo de uma causa injusta e da justiça vencedora. Mas o episódio é demasiado rico, como símbolo e em paralelismo culturais e históricos, para nele se poder simplesmente acreditar. As figuras de **mediadores** são frequentes na história dos povos, a começar pelo povo de Israel ou Povo de Deus, e o próprio Cristo. Se revela como Mediador, figurado por tantos mediadores que O precederam. A solidariedade humana, assumida exemplarmente por Cristo, encontra-se já no primeiro homem, no Adão que no seu comportamento encabeça a sorte da humanidade. Na luta contra Golias, David representa a bênção com que Deus acompanha o Seu povo.

Quem foi de facto a Inês Negra? Como tantas figuras bíblicas e profanas, como Deula-Deu em Monção, Brites de Almeida (a Padeira) em Alju-barrota, a Inês Negra é a figura de que Melgaço se orgulha, é a figura que Melgaço quis merecer, é a figura que simboliza os feitos que coram a história da vila em fidelidade e amor pátrio, em lealdade e em redenção.

D. Filipa de Lencastre, a Senhora Rainha que D. João I escolheu a quando das negociações na Ponte do Mouro, sempre respirando ares do Minho, é já, nestas circunstâncias de que se envolve Melgaço e Fiães, a mulher do Lar donde sai a «felicita geração», a Rainha que sai da tranquilidade fácil de uma Corte sem problemas para se realizar como Rainha na responsabilidade partilhada e sentido da vida de Estado; é a Rainha a dizer que não veio para Portugal saborear com egotismo as delícias palacianas da Corte povoada de servidores, mas para ser esposa e estar ao



UMA PARTE DOS CONCELEBRANTES

lado de um marido que é Rei para reinar e unir, para estar com o povo e estar onde seja útil e necessário à Pátria que o elegeu; D. Filipa é a mulher e Rainha que vem dizer às populações, com a sua presença e comitiva, que está iniciada uma era nova, que vai ser de independência assegurada, de prosperidade crescente e de expansão que seus filhos haviam de sonhar e iniciar.

Que significado pode conservar para nós a tomada do Castelo de Melgaço a um punhado de gente timidamente **fiel a Castela**, no final do séc. XIV? E que sentido terá ainda hoje, em época de integração europeia, celebrar um acontecimento de há seis séculos e com o necessário sentimento de **Patriotismo** que tais feitos recordam, supõem e fomentam? Não precisamos de nos reportar ao discurso e argumentação do Dr. João das Regras para afirmarmos a justiça da causa de Portugal na defesa da sua autonomia e independência. Comemoramos hoje a preservação da independência, a pacificação e a unidade, a paz conseguida (através de vitórias e pretesias ou acordos), e são estes feitos que celebramos - obra colectiva dos nossos antepassados ou pais, e da Pátria que eles edificaram e nos legaram.

A Palavra de Deus, que recolhemos para esta Celebração, é a palavra que nos fala do perdão, do amor a Deus e ao próximo, da obediência aos mandamentos de Deus como

referências que testam o amor, e fala-nos também de gratidão a Deus e do hino de gratidão que a Deus deve ser cantado pelos benefícios ao Seu Povo.

Esta Palavra de Deus tem motivações concretas e históricas, e comporta um conteúdo e uma compreensão com actualidade permanente. Reconhecendo-nos como filhos de Deus, sentimo-nos irmãos do nosso próximo, dos nossos vizinhos e dos que estão longe, destinatários da mesma Palavra, possuidores de sentimentos afins, membros da mesma humanidade, sujeitos de direitos e deveres iguais. A cada Povo compete, com humildade e magnanimidade, cuidar das suas raízes, investigar e cultivar as próprias potencialidades, aumentar a cultura, desencadear o progresso, promover o homem e promover-se como colectividade. A Igreja ensina a este respeito: «Os cidadãos cultivem com magnanimidade e lealdade o amor da pátria, mas sem estreiteza de espírito, de maneira que, ao mesmo tempo, tenham sempre presente o bem de toda a família humana, que resulta das várias ligações entre as raças, povos e nações» (G. S. 75).

Abertos ao sentimento do perdão e humildes para reconhecer o mal feito, os homens são chamados a evitar qualquer forma ou expressão reveladora de «estreiteza de espírito», e parece-nos ser esta a forma para conciliar duas atitudes que precisam de existir harmonicamente em cada um de nós:

o amor da pátria e o amor sem fronteiras ou restrições. Conhecemos sobejamente as tragédias (de menor ou maior dimensão) que nos vitimaram durante este século, por artefite provocada entre os dois pólos desta realidade complexa. Só não sabemos, nem importará, qual a atrocidade maior - se o nacionalismo sem respeito, se o internacionalismo sem pátria.

Estamos confrontados na Europa com uma realidade nova, já em fase de execução. Esperamos que a má experiência ainda lembrada seja definitivamente curada e compensada pelo justo equilíbrio e pela harmonia que o magistério da Igreja protagoniza neste final do segundo milénio e como condição para a paz que desejamos - amor da pátria, preservação dos valores próprios (históricos e culturais), e abertura aos outros, em solidariedade e amor.

Neste espírito celebramos o VI Centenário da tomada do Castelo de Melgaço, e celebramos na Pátria que se mantém nesta Igreja de Fiães, que é ao mesmo tempo testemunha contemporânea do acontecimento que se celebra e altar para a Celebração que aqui nos reunimos.

Celebrando condignamente o passado, encaramos com esperança o futuro.

Fiães, Melgaço, 4 de Março de 1988

D. Armindo Lopes
Coelho
Bispo de Viana do Castelo

VI CENTENÁRIO DA TOMADA DO CASTELO DE MELGAÇO

*Exmo. Senhor D. Armindo,
Ilustre Bispo da Diocese de Viana do Castelo;
Exmo. Senhor Ministro Adjunto e Ministro da Juventude;
Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Melgaço;
Exmas. Autoridades Cívicas, Militares e Religiosas;
Povo de Deus.*

- São para Vossa Ex^a Rev.ma Senhor D. Armindo as minhas primeiras saudações por se ter dignado presidir a esta solene celebração Eucarística, acedendo ao convite, oportunamente feito.

Não imagina da alegria que todos nós sentimos - presbitério e povo de Deus - pela presença de V^a Ex^a Rev.ma. no VI Centenário da Tomada do Castelo de Melgaço aos Castelhanos, nestes dois dias.

É que a presença do Bispo - intérprete e defensor da fé - é sempre motivo de alegria pois, a sua palavra autorizada vem dar conforto espiritual, avivar a fé e dar esperança a todos nós.

Por isso, Senhor D. Armindo, bem-vindo seja e obrigado pela sua honrosa presença.

Senhor Ministro da Juventude:

Tenho acompanhado, de perto, a ascensão política de V^a Ex^a à frente dum dos mais importantes Ministérios da Governação portuguesa e de quem muito há a esperar, atendendo aos dotes de inteligência e dedicação com que trata os problemas que, em boa hora, lhe foram confiados pelo Senhor Primeiro Ministro.

Melgaço e dum modo especial, o povo e o pároco desta freguesia agradecem a presença de V^a Ex^a e, oxalá que leve desta terra as melhores impressões com vista à maior valorização da nossa juventude que, neste momento que atravessamos, tanto necessita de amparo.

Obrigado Senho Ministro

Senhor Presidente da Câmara de Melgaço:

Para V^a Ex^a, neste momento de alegria e de dignificação do poder local, que todos desejamos ver cada vez mais prestigiado - como principal responsável pelas comemorações que estamos a realizar e para todos os que com V^a Ex^a colaboraram - Comissão Regional de Turismo, Cônego Doutor José Marques e Voz de Melgaço - vão as minhas felicitações e que estas Comemorações fiquem a marcar, na história do nosso Concelho, um acto indelével para a posteridade e sirvam, ao mesmo tempo, para que a nossa terra tão esquecida seja mais conhecida e, deste conhecimento seja mais favorecida nas suas justas aspirações. Parabéns!

Finalmente a todas as Ex^a mas. Autoridade, ao povo de Deus que, de perto ou de longe, aqui estão presentes o pároco desta freguesia lhes diz: Obrigado

MISSA DE ACÇÃO DE GRAÇAS / FIÃES, 4-03-89

MONIÇÃO DE ACOLHIMENTO

«O Senhor foi para eles um Salvador em todas as suas angústias. Foi Ele que os libertou, que os ergueu e conduziu, em todos os dias de outrora». (Is, 63,7-9).

Esta verdade da fé, que vamos ouvir proclamar na liturgia da palavra, conduzirá, hoje o espírito da nossa celebração. Foi uma verdade muito bem vivida e interiorizada pelos nosso antepassados que, nos grandes feitos dos Portugueses, sempre viram a acção de Deus através da Virgem Mãe. Exemplo acabado disso mesmo é o Mosteiro da Batalha, erguido para agradecer, para todo o sempre, a protecção especial de Nossa Senhora na decisiva Batalha de Aljubarrota, em 14 de Agosto de 1385. Batalha que só foi completamente ganha a 3 de Março de 1388 com a tomada do Castelo de Melgaço e cujo evento estamos aqui a celebrar festivamente.

Estamos reunidos como Igreja de Cristo, como pedras

vivas - como acabamos de proclamar, cantando - para testemunhar essa mesma vida, mostrando-nos agradecidos pelos benefícios recebidos desde sempre, mas de maneira especial há 6 séculos, quando a nossa identidade nacional foi vigorosamente reafirmada após uma grave crise que ameaçava fazer-nos desaparecer como nação independente. E estamos reunidos numa Igreja dedicada a Santa Maria, a Padroeira de Portugal, num templo em que é venerado S. Bento e onde foi seguida e vivida a sua regra monástica sintetizada «Reza e Trabalho» templo que é, pois, manifestação viva de uma maneira muito especial de, desde há muito, construir a Europa: a Europa da fraternidade, do trabalho e da cultura. Por isso mesmo S. Bento foi proclamado o padroeiro da Europa, pois que o trabalho por ele iniciado há já tanto tempo foi recentemente reiniciado e nele está implicado o nosso próprio País.

CONTINUA NA 10ª PÁG.

INTRODUÇÃO À LITURGIA DA PALAVRA

À luz da Palavra de Deus, é o Senhor que actua por meio do homem. É o Senhor que se torna salvador do seu povo em todas as suas angústias. É ele que liberta e conduz (1ª leitura).

Sejam quais forem as dificuldades, quem é iluminado pela palavra de Deus deve fazer com que nele reine sempre a paz de Cristo, porque a nós, Deus chamou-nos amigos; foi Ele que nos escolheu para que nos lançássemos nas diferentes tarefas e dêssemos fruto abundante.

Conscientes da protecção do Senhor, devemos saber mostrar-nos agradecidos, sabendo cantar a Deus, de todo o coração, a nossa gratidão, nas três dimensões do

cristão: — **Profética:** «Palavra de Cristo habite em vós com abundância;» (2ª Leit.)

— **Litúrgica** ou sacerdotal: - «Com salmos, hinos e cânticos inspirados, cantai de todo o coração a Deus a vossa gratidão»,

— **Missionária** ou de testemunho vivencial: - «Revesti-vos de sentimentos de misericórdia, de bondade, de mansidão, paciência e caridade «(2ª Leitura). O Evangelho reforça esta mesma ideia: Deus fez-nos seus amigos porque nos deu a conhecer tudo o que ouviu do Pai. E tudo se resume em amarmo-nos uns aos outros como Ele nos amou.



OUTRA VISÃO DE PARTE DOS CELEBRANTES

ORAÇÃO DOS FIÃES

Oremos, irmãos, a Deus Pai, que nos ama e que, por amor, quer salvar o mundo.

1. — Pela santa Igreja de Deus:

para que o poder da Cruz salvadora e a virtude da Ressurreição de Jesus Cristo a purifiquem das suas faltas, lhe concedam o dom da unidade e a alegria da renovação pascal, — oremos ao Senhor.

2. — Por todas as nações e governos, pela nossa pátria e seus magistrados e pelos povos do mundo inteiro: para que Deus sobre eles derrame a sua misericórdia e a todos enriqueça de Seus dons, oremos ao Senhor.

3. — Para que pais e filhos, jovens e adultos se aproximem e se entre-ajudem na construção de uma sociedade melhor, — oremos ao Senhor.

4. — Por todos nós aqui reunidos, para que, vivendo da alegria da amizade que Deus nos oferece, saibamos ser agradecidos pelos benefícios recebidos, ganhando ânimo e coragem para novos e renovados empenhamentos ao serviço da sociedade e dos irmãos... Oremos ao senhor.

5. — Por todos os melgacenses, residentes aqui no concelho, ou espalhados pela diáspora da emigração, para que saibam tornar actuaes as lições de identidade, independência e colaboração legadas pelos seus antepassados, ...Oremos ao Senhor.

6. Para que, por intercessão de S. Bento, patrono da Europa, e

neste Mosteiro venerado, e por intercessão da Virgem Maria, padroeira de Portugal, saibamos todos encontrar os melhores caminhos de renovação e de integração nos comprometemos a percorrer...oremos irmãos.

Atendei, ó Deus de bondade, a oração do vosso povo: e a Vossa misericórdia nos conceda o que a nossa oração não sabe pedir.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, que é Deus conosco na unidade do Espírito Santo.

ACÇÃO DE GRAÇAS / FIÃES 4-03-89

Há seis séculos Neste Mosteiro da Santa Maria de Fiães Onde se seguia a regra de S. Bento

«Reza e Trabalha» Dona Filipa, rainha de Portugal,

Rezou Para que o trabalho de conquista

Do Castelo de Melgaço Fosse trabalho que não desmerecesse dos sentimentos cristãos,

Onde as opções políticas Apesar de diferenciadas E de colocarem as pessoas em campos adversos

Não as tornassem inimigas; Onde a vitória tivesse dignidade

E os derrotados fossem tratados com equidade e magnanimidade.

O próprio facto de aqui nos encontrarmos

Em acção de graças Há-de significar uma atitude renovada

Onde, apesar das diferenças que nos distinguem no empenhamento,

Haja lugar para o reafirmar do essencial e do fundamental:

É muito mais o que que nos une e nos identifica!

Senhor! Ao rezarmos-Te e ao cantarmos-Te

Nós queremos descobrir-Te melhor

Para que, em Ti, Nos vejamos mais irmãos uns dos outros

Mais solidários uns para com os outros

Mais capazes de, em conjunto, Construir

Erguer Desenvolver

Fazer progredir Portugal

Reforçando cada um a sua própria identidade

Para que mais brilhe a identidade Pátria

Integrando-se na Europa Sem se dissolver e aniquilar.

O testemunho dos nosso antepassados / Seja incentivo de maior vigor

Na nossa caminhada!



PARTE DA ASSEMBLEIA EUCARÍSTICA

O ALMOÇO OFICIAL



O Ministro Couto dos Santos e D. Armindo, ladeados à direita pelo Senhor Governador Civil de Viana, e à esquerda pelo Senhor Presidente da Câmara e o Dr. Francisco Sampaio, Presidente da Comissão Regional de Turismo

As comemorações do VI Centenário da Tomada do Castelo foram também uma ótima ocasião para fazer promoção turística da nossa terra, não apenas pelo contacto com as belezas ímpares que ela oferece, quer naturais, paisagísticas, quer arquitectónicas e culturais. Para condimentar tudo isto, e inserindo-se dentro das festas turísticas da mimosa, nada como mostrar a nossa gastronomia e os nossos vinhos. •

O almoço oficial no Peso, presidido pelo senhor Ministro da Juventude e Sr. D. Armindo como a foto documenta, foi boa amostra do que pode e deve fazer a nossa cozinha para atrair cada vez mais gente à nossa terra. Ementa simples, mas sugestiva: — Sopa de cozido; Trutas à minhota; Cozido à Portuguesa. Tudo isto servido com os maravilhosos vinhos da região, mais o pudim caseiro e frutas, café e o bagaço. Em suma, um almoço para degustar com aprazimento e calma e que, apesar do prato forte que é o cozido, não deixa a sen-sação de enfartamento de tantos almoços onde a panóplia de pra-tos acaba por complicar em vez de ajudar a tomar o prazer sadio e durável.

Durante o almoço, houve ainda a agradável surpresa de um coral de Estremoz, terra natal do senhor gerente da Caixa Geral de Depósitos em Melgaço, que veio até ao Minho e brindou os co-

mensais com belos cantos do seu repertório, dividindo a actuação entre o princípio do almoço e o seu final. Executaram o «Indicativo do Orfeão, de Manuel J. Alves / Maria de Santa Isabel; «Coro das Maçadeiras», harmonização popular; «7 anos andei na guerra», arranjo de Artur Santos; «La Tricotea»; «My Lord, What a Momin, espiritual negro; «Canticorum», de Haendel; «Coro dos Escravos», de J. Verdi.

Tivemos ocasião de contactar com alguns elementos e verificamos que estavam encantados com a nossa terra. Vindos lá do Alentejo, eles apreciaram muito as nossas belezas e ficaram com vontade de voltar.

Celebrar o VI Centenário da Tomada do Castelo foi também uma maneira de chamar a atenção para o muito que há ainda a fazer pela nossa terra, pois ela, apesar de localizada no extremo norte de Portugal, pode ocupar um lugar importante no percurso das gentes e tornar-se uma terra enquadrada no progresso dos nossos dias.

Agora que já se anuncia a auto-estrada de Braga - Valença e



Em frente do Senhor Ministro e do Sr. Bispo e Governador Civil, os Pes. Júlio Vaz, Bernardo e Aníbal Rodrigues

que é uma certeza vimos a ter uma via rápida de Valença a Melgaço e S. Gregório, não há dúvida que algo pode mudar em Melgaço. Assim o queiramos todos e sejamos nós os primeiros que nos convencemos de que é possível.

VI CENTENÁRIO DA TOMADA DO CASTELO DE MELGAÇO

MISSA DE ACÇÃO DE GRAÇAS / FIÃES, 4-03-89

CONTINUAÇÃO DA 9ª PÁG

Encontramos-nos aqui reunidos, ainda, porque neste Mosteiro, esteve alojada a Rainha de Portugal, D. Filipa, antes de descer até Melgaço para assistir à tomada do Castelo. Rainha que rezava todos os dias as horas canónicas com atenção e devoção exemplares; Rainha que, à Sexta-Feira, em memória da Paixão do Senhor, rezava o saltério.

Rainha que, além dos jejuns que praticava com verdadeiro espírito evangélico, lia detidamente a Sagrada Escritura, dedicava muito tempo à sua formação cristã e mantinha um cuidado muito especial pelos pobres e os desafortunados; Rainha que foi esposa e mãe exemplar de 8 filhos a quem educou de maneira superior. Rainha que cumpria e vivia, há 6 séculos, o que o Concílio Vaticano II veio propor para a renovação da Igreja e da Sociedade dos nossos dias!

As comemorações do VI Centenário da tomada do cas-

telo de Melgaço ficariam muito incompletas sem este acto em que queremos manifestar vivamente a nossa gratidão a Deus e à Virgem que sempre nos acompanharam com especial carinho. Como nos acompanharam D. João, permanecendo nesta terra longos dias, e a Rainha, sua esposa.

Rezando, unindo-se a Deus, o homem descobre-se na única dimensão que realmente engrandece e nobilita: vê-se Filho de Deus, irmão de todos os homens, em Jesus Cristo, comprometido visceralmente na solidariedade fraterna como única via que consegue que o desenvolvimento seja realmente em favor de todos os homens e não provoque uma desigualdade crescente e uma exploração feroz. Na Europa, que queremos construir em conjunto, não basta o empenhamento no desenvolvimento e no progresso. É indispensável a solidariedade, o nome novo da paz, como nos

recorda o santo Padre. Sem a transformação das mentalidades e a conversão do coração, o egoísmo individual e das sociedades dominará e arrumará os outros para a berma da estrada, se necessário for.

Prolongando os ecos da missão de S. Bento e de todo um culto particular e genuíno à Virgem Maria, também nós, hoje, queremos agradecer todos os benefícios recebidos e aprofundar as razões da nossa vivência cristã como caminho de maior e mais profunda identidade, como via de integração sem perda das características que nos distinguem, pois só assim a nossa integração na Europa terá sentido e será frutuosa.

Da conquista do castelo de pedras, reduto de defesa, há seis séculos, urge avançar decididamente para a conquista do nosso próprio castelo interior, esse que deve ser construído com «sentimentos de misericórdia, bondade, mansi-

ção, paciência e, acima de tudo, de caridade». É uma conquista nunca completamente conseguida, pois que é uma conquista para o compromisso de cada dia e durante toda a vida.

Maria Santíssima foi modelo de realização exemplar dos designios divinos.

Cantando as maravilhas nela operadas, ao mesmo tempo que nos mostramos agradecidos por toda a protecção recebida, procuramos rejuvenescer-nos para a caminhada de conquista e enriquecimento do nosso castelo interior.

Se todos e cada um nos formos renovando interiormente, encontraremos também os melhores caminhos para o progresso e renovação exterior de toda a sociedade, da Europa, onde especialmente nos inserimos, e do mundo, do qual somos cidadãos vocacionados para nele sermos o fermento que leveda e transforma.

Noticias de Alvaredo

«O Morto Vivo»

Saído de Alvaredo por meados de Junho do Ano passado, o Senhor António Malheiro Quintiães, natural da freguesia da Correlhã, lugar da Anta, Ponte de Lima, partiu para terras de Galiza «Espanha», São Lourenço de Celanova.

Foi dado como morto, em meados de Novembro do mesmo ano. Toda a gente da freguesia de Alvaredo e vizinhas, que conheciam o António lamentaram «a morte», pois era um bom homem, sério, só que não perdoava ao copinho.

No entanto, no passado dia 14 do corrente mês, amanheceu, novamente, na freguesia de Alvaredo, aonde toda a gente, ficou muito contente pela sua ressurreição. Que Deus lhe dê muitos anos de vida.

No seu leito, esteve o Senhor António Esteves «O Carvalhal» com uma Gripe e Bronquite, e já se encontra em franca recuperação.

Em 23 do corrente mês de Fevereiro fez mais um aniversário o Senhor Eduardo Ramiro Gonçalves Pereira, digníssimo comerciante desta freguesia e que completou 55 anos.

Os Parabéns ao aniversariante

Encontra-se em franca recuperação, o Senhor Professor Nuno Cândido Domingues.

Total recuperação é o meu maior desejo.

De França regressou há dias o Senhor Claudino Augusto Gonçalves, onde esteve de visita ao Seu filho Eduardo, Nora e Netinho.

Nesta freguesia, realizou-se no passado dia 3 de Fevereiro a festa de São Brás, e que foi muito concorrida pelos Seus Romeiros. Além de fogo de artifício houve Alto Falantes.

Esta festividade teve lugar novamente, no dia 5 Domingo com missa e Procissão na Igreja Paroquial a qual saiu a dar a volta à capelinha de São Brás e foi acompanhada pelos gaiteiros de Parada do Monte e seus devotos, a qual regressou à Igreja Paroquial.

No Hospital Regional de Viana do Castelo, foi internar-se, a fim de ser submetido a uma intervenção cirúrgica o Senhor António Martinho Alves Sanchez. Esperamos, que recupere o mais depressa possível.

Encontra-se em grande melhoramento a nossa Igreja Paroquial. Tudo isto se deve aos habitantes da freguesia em colaboração com o Sr. Padre José Alberto, digníssimo Prior da Freguesia de Paderne.

De França regressou há dias a Senhora D. Maria Besteiro do lugar da Carrasqueira, onde esteve a passar o Natal com Seus Filhos e Netos, Genro e Nora, a qual regressou há dias a sua terra, Alvaredo

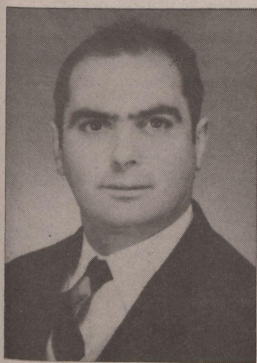
ACUPUNTURA

CONSULTA DIÁRIA
RUA CARBALLINO,

60 - 1^o

RIBADÁVIA — (ORENSE)
TELEF. 471840

Prado Melgaço AMADEU RIBEIRO JUNIOR "NINO" Agradecimento



restante família, profundamente sensibilizados e muito reconhecidos, vem por ESTE MEIO, agradecer e expressar a sua maior gratidão a todas as pessoas que tomaram parte no funeral do seu muito querido extinto, bem como a todos que da mais variada forma lhe transmitiram o seu sentimento de pesar. Pedindo desculpa de qualquer falta que involuntariamente tivessem praticado.

Sua esposa, pai, irmãs, sogros, cunhados, sobrinhos e

A Família

ESTE ANO

Grupo Polaris

O ESPECTÁCULO DA VOSSA FESTA

LUZ, COR, SOM, ALEGRIA.

4960 MELGAÇO
Telf. 42651, 42658

NECROLOGIA

MARIA DOS PRAZERES DIAS

Em Monção, onde residia com seu marido, faleceu a nossa conterrânea senhora D. Maria dos Prazeres Dias, natural de Couso, casada com o senhor Amadeu

Afonso, Mãe dos senhores Manuel Afonso, casado com D. Fernanda Vaz, do lugar do Cerdedo, Rousas, e residentes no Porto, e de A. Afonso, casado, residente em

Monção. A extinta contava 77 anos. Faleceu no dia de S. José, 19 de Março, indo a sepultar no dia seguinte no cemitério de Monção com missa de corpo presente e a presença de muitos familiares e amigos.

Paz à sua alma e as nossas condolências aos familiares enlutados.



SERVIÇO DE CASAMENTOS

BAPTIZADOS, ANIVERSÁRIOS,

CONFRATERNIZAÇÕES

C/ Parque Privativo

TEL: 54 486 - CABO - BARBEITA 4950 MONÇÃO



CAIXA DE CRÉDITO AGRÍCOLA MÚTUO DE MELGAÇO

- INSTITUIÇÃO DE CRÉDITO AO SEU SERVIÇO -

UMA PORTA ABERTA PARA A SUA POUPANÇA

DEPÓSITOS
À ORDEM
A PRAZO

OFERECEMOS AS MELHORES TAXAS DE JURO DO MERCADO

— As poupanças colocadas na Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Melgaço são garantidas pelo Fundo de Garantia do Crédito Agrícola Mútuo —
- Decreto-Lei nº 182/87 de 21 de Abril.

VENDE-SE

Casa de luxo, a 4 km de Viana do Castelo, em Vila Franca, com terreno de logradouro (2.100 m2), com muita fruta e uma média de 3 pipas de vinho branco.

Preço: 16.000 contos.

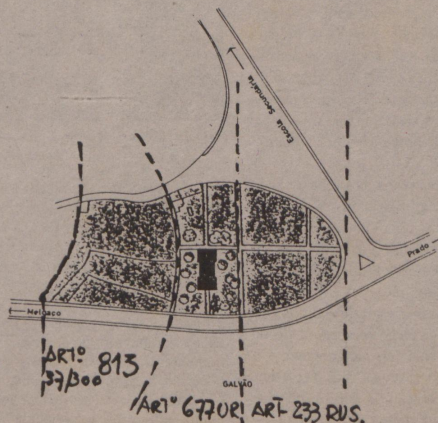
Trata: Artur Henriques Canejo

Tel. 65365 ou 66292 (rede de Viana)

VENDE-SE

QUINTA MELGAÇO / GALVÃO

Aceitam-se ofertas
Telef.: 326999 LISBOA



A SOLENE CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA NO MOSTEIRO DE FIÃES

Continuação da 1ª pág.

3. - Tu que o verde dás ao prado / Suavidade dás à flor / E em paga do trabalho / Dás o fruto ao lavrador.

A letra e a música deste cântico, de um consagrado nome da música foram a melhor expressão da oferta que, em Fiães, quisemos depor sobre o altar do Senhor como preito da nossa gratidão por tudo quanto nos deu e continua a dar.

No final do prefácio, o «Santo», a 4 vozes, da autoria do Dr. Júlio Vaz, constituiu o autêntico hino de acção de graças ao Senhor em que as entradas diferenciais das vozes convergindo para a harmonia empolgante do «Hossana nas alturas» bem simbolizam a contribuição diferenciada de cada um, mas tendendo sempre para a união sem unicidade nem univocidade.

O «Pai-Nosso» foi momento forte de vivência da assembleia, pois foi cantado na melodia gregoriana bem conhecida de todos. Seguiu-se o «Cordeiro de Deus» a acompanhar o abraço da paz. A Música é do P. e Júlio e é também uma expressão muito rica de um conteúdo que com ele se enriquece. Até alguns momentos de desarmonia mais não fazem do que realçar que a beleza da união só é realmente rara quando a própria desarmonia é integrada harmonicamente num todo que a unifica e esbate, porque reconduzida ao respeito supremo da liberdade individual de cada um, mantendo-se, todavia, no todo em que se insere. Deixa de ser voz desafinada, para ser melodia mais acentuada.

A comunhão, foi cantado um cântico cuja melodia é do P. Mário Silva e está vulgarizada: «Eu sou o pão vivo descido do céu. / Quem dele comer viverá eternamente. / Tomai e comei. / A harmonização a vozes foi do P. Júlio Vaz.

No momento de interiorização da Acção de Graças foi recitado um poema que se publica em separado, enquanto o órgão em fundo o acompanhava. Fimdo o mesmo e sendo Sábado e estando nós num templo dedicado a Nossa Senhora, foi cantado o cântico do P. e Miguel Carneiro: «Gloriosa Mãe de Deus, oh Virgem Maria! Em Ti o Senhor operou maravilhas, Aleluia!». «A minha alma glorifica o Senhor / E o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador. / É um dos tais cânticos que quanto mais se cantam, mais sabem. Vê-se nele resumir toda a gratidão de quem se sente realmente Filho predilecto da Virgem Mãe e sabe quanto Lhe deve.

Como cântico final, o coro cantou «Mil cânticos de glória nas alturas se elevem ao Senhor», do P. e Alexandre dos Santos. É um cântico com mais de 60 anos, mas sempre tão maravilhoso e lindo como exigente para o grupo que se atreve a cantá-lo! É uma autêntica girândola da nossa alma em festa. Uma delícia que poucas vezes se pode saborear, mas que, quando é bem executado, a todos extasia.

Não estranha, pois, que quando o Doutor Carlos Alberto Ferreira de Almeida iniciou a sua exposição sobre a arquitectura do Mosteiro de Fiães, tenha começado precisamente dizendo: «Sinto-me esmagado!». Mas era um esmagamento do que nos embutece e um pleno ressurgimento do que realmente nos engrandece.

Para quem teve a dita de participar na celebração ela constituirá certamente um marco inesquecível na sua vida. Sim, valeu a pena!

Recepção ao Ministro Adjunto

A preceder este acto, realizou-se, às 10 horas, no Salão Nobre da Câmara Municipal, a recepção do Ministro Adjunto e da Juventude, o qual presidiu à sessão de boas-vindas tendo a ladeá-lo o Presidente da Câmara, o Governador Civil do Distrito, o comandante do Regimento de Cavalaria de Braga, o Presidente da Comissão Regional de Turismo do Alto Minho, o deputado Oliveira e Silva, a Juíza de Direito e o Presidente da Assembleia Municipal.

Aberta a sessão, Rui Solheiro, Presidente da Câmara, proferiu este breve discurso:



O Senhor ministro Couto dos Santos agradecendo a saudação do presidente Rui Solheiro

"Melgaço tem uma História cheia de episódios notáveis, tanto nas lutas internas como externas - nos tempos da Nacionalidade, na Guerra da Independência e nas Invasões Francesas - em que Melgaço foi a primeira Praça de Portugal que resistiu aos soldados de Napoleão.

A efeméride que hoje recordamos é mais um exemplo de como o povo de Melgaço tem sabido ao longo dos anos assinalar a sua presença inequivocamente Portuguesa, como bastião seguro de uma Nacionalidade.

Procurando com a presente comemoração immanar todos os Melgacenses na celebração de um Património Cultural comum, propomo-nos ainda, pela afirmação deste sustentáculo da História Portuguesa, acentuar a bravura e coragem de um País que em Terras Minhotas teve o seu berço.



O Presidente Rui Solheiro entregando a medalha comemorativa do Centenário ao Senhor Ministro

Nesta hora de integração na Europa Comunitária, factor indispensável ao desenvolvimento do País, torna-se também por isso importante preservar os valores mais profundos da nossa Identidade Cultural.

Melgaço, com paisagens ímpares, usos e costumes muito próprios e Monumentos que atestam um passado histórico activo e participante, oferecer ainda para além da sua gastronomia muito particularmente identificada com o meio as suas águas ter-

mais e os atractivos naturais do Parque Nacional.

Geograficamente afastado dos grandes centros urbanos, onde o século XX cedo se afirmou, e materialmente privado de contactos pelo isolamento a que a ausência dos meios de ligação necessários o forçou, Melgaço viu-se, durante anos, parado no tempo e fechado nas suas estruturas, insuficientes para uma população exigente. Dai que, desde cedo Melgaço tenha sido terra de emigração.

Espalhados pelo Mundo ou permanecendo na sua terra, os Melgacenses têm sabido contribuir para o engrandecimento do seu País, divulgando a integridade Portuguesa no Mundo.

Conscientes das dificuldades que advém da condição de região periférica, impõe-se aproveitar todas as o-

portunidades que se nos apresentam, para fazer chegar mais longe as nossas reivindicações.

Por isso, aproveitamos a presença de tão altos representantes do Poder Central e dos órgãos de comunicação social para reclamar um maior apoio para a nossa terra, no sentido de atenuar as grandes assimetrias nacionais existentes.

Convivendo com esta realidade, temos vindo a desenvolver um grande esforço para a melhoria de condições

de vida na nossa terra, visando também fixar a população, especialmente a mais jovem.

Rica de potencialidades naturais, impõe-se, para o seu aproveitamento integral, a criação de infra-estruturas e equipamento que têm que contar com o apoio do Poder Central.

Não podemos, por conseguinte, Senhor Ministro, deixar de frisar três ou quatro pontos que nos parecem indispensáveis ao desenvolvimento desejado.

Acessos condignos ao resto do País e à vizinha Espanha, que permitam fazer de nós um elo de ligação social, económica e cultural com o resto da Europa, são um imperativo prioritário, para além do que, no Sector Turístico, onde consideramos poder encontrar a mais curto prazo, uma opção de desenvolvimento da região dadas as características paisagísticas, o património Monumental e a particularidade fronteiriça da zona - se impõe ainda:

— a criação do circuito turístico de extraordinário interesse regional, que constitui a união ao interior do Distrito, através da ligação viária com os Arcos de Valdevez.

— um maior apoio à indústria hoteleira e a outros equipamentos e infra-estruturas que permitam o aproveitamento turístico nas suas vertentes cul-

tureiras e de habitação. Tendo Vossa Excelência enorme responsabilidade da política da juventude deste país, estamos certos do apoio a projectos que possuamos e que consideramos indispensáveis para a qualidade de vida das populações em geral e da juventude em particular. Tais são:



O Solene Cortejo dos Celebrantes caminha para o altar

tural, rural e de habitação.

Tendo Vossa Excelência enorme responsabilidade da política da juventude deste país, estamos certos do apoio a projectos que possuamos e que consideramos indispensáveis para a qualidade de vida das populações em geral e da juventude em particular. Tais são:

— A casa da Cultura, com sala de exposições, biblioteca, museu e centros de convívio, para a qual possuimos o projecto de recuperação da antiga Cadeira Comarcal.

— A Piscina Municipal, coberta e aquecida, que consideramos ser equipamento indispensável dada a interioridade do Concelho e a natureza do seu clima e para a qual igualmente possuimos um projecto cujo apoio temos vindo a solicitar aos organismos responsáveis.

Poderíamos concertar a alongar esta lista de necessidades mas consideramos estas as mais elucidativas no que respeita ao apoio que esperamos do Governo em geral e em particular do Ministério a que Vossa Excelência preside.

Ao longo dos anos, a população de Melgaço habituou-se a ver o fruto do seu trabalho ser investido noutras regiões do País, chegou a hora de serem recompensados e se verem sentados à mesa do Orçamento de Estado para uma fatia mais significativa ser investida na sua própria terra.

Estamos certos da sensibilidade de Vossa Excelência para este tipo de questões porque o sabemos um co-

nhecedor profundo dos problemas da região em que nos inserimos. Ficamos, por isso, convencidos de que as nossas aspirações serão ouvidas e dentro do possível satisfeitas pois teremos em Vossa Excelência, um porta-voz junto do Governo das áreas que não são da Vossa competência e estamos certos de um empenhamento total nas que respeitam ao Ministério a que preside.

Não posso concluir sem deixar de com profunda sinceridade agradecer a V.ª E.ª e restantes convidados que imprimiram com a Sua participação uma dimensão a estas Comemorações que ultrapassa as fronteiras Concelhias.

Permita-me Senhor MINISTRO que conclua, tendo a honra de oferecer a V.ª Ex.ª a Medalha Comemorativa do «VI Centenário da Tomada do Castelo de Melgaço por D. João I.»

O Ministro Couto dos Santos apreendeu logo os anseios da população expostos pelo Presidente da Câmara e prometeu interessar-se nos lugares apropriados pelos problemas expostos.

Referindo-se aos desequilíbrios existentes e ao nível de vida da população, o Ministro disse:

— «É este um momento histórico para se reduzirem os desequilíbrios

regionais e melhorar o nível de vida das populações;

— «É tempo de equilibrarmos as regiões beneficiando dos recursos internos e do reforço do investimento externo;

— «a solução passa por uma adequada cooperação entre o poder central e o local»; e

— com o Plano de Desenvolvimento Regional «no âmbito do qual serão investidos nas várias regiões mil milhões de contos durante os próximos quatro anos» é necessário evitar a degradação em função do progresso».

O Ministro Adjunto e da Juventude lançou aos melgacenses um apelo: Melgaço «é um oásis no espaço comunitário europeu onde certamente todos vão procurar investir, sobretudo nas áreas dos serviços e do turismo».

Finda a sessão, os presentes subiram para Fiães.

A alameda de carvalhos seculares acolhia os visitantes, e o imponente monumento abria a porta principal para receber os fiéis e proporcionar a entrada do cortejo litúrgico.

Presidiu o Sr. D. Armindo, Bispo da Diocese de Viana, acolitado pelos padres Manuel Lourenço, pároco de Fiães e Arcipreste, e Justino Domingues, pároco da Vila e decano dos sacerdotes que trabalham no Arcebispo de Melgaço.

ODr. José Lima, liturgista da Diocese, dirigiu as cerimónias.

O cortejo litúrgico saiu processionalmente da sacristia e fez a entrada no templo pela porta principal.

O SENTIDO DAS COMEMORAÇÕES DO VI CENTENÁRIO DA TOMADA DO CASTELO DE MELGAÇO AOS CASTELHANOS

1. — Estamos a celebrar o encerramento do VI Centenário da Tomada do Castelo de Melgaço aos Castelhanos por D. João I, em 3 de Março de 1388, que a Câmara Municipal tão acertadamente promoveu, em colaboração com os Ex.mas Autoridades militares, Civis e Religiosas, que se dignaram dar-nos a honra da sua presença ou se fizeram representar ao mais alto nível, conferindo a estas comemorações solenidade verdadeiramente invulgar neste maravilhoso recanto do Alto-Minho.

Tivemos oportunidade de acompanhar de perto os necessários contactos com as Ex.mas Autoridades e a progressiva estruturação do programa. Podemos, por isso e apesar de o Sr. Presidente da Câmara Municipal já o ter feito, dar público testemunho do acolhimento por todas dispensado a esta iniciativa, do estímulo recebido e das sugestões que, por vezes, adiantaram, suprimindo com a sua generosidade o que se não ousava pedir. Tais gentilezas significavam para nós a sua plena identificação com os objectivos visados pela Entidade promotora e que, de certo modo, também Suas Ex.as tomavam estas comemorações à sua conta, dispondo-se, assim e desde a primeira hora, de uma garantia absoluta de êxito.

Por tudo isto, à Câmara Municipal, às Ex.mas Autoridades e outras Instituições intervenientes, bem como aos Srs. Professores da Faculdade de Letras do Porto e da Academia Militar pela sua pronta disponibilidade para assegurarem as intervenções básicas programadas, a todos é devida a mais sincera gratidão dos melgacenses, entre os quais, por direito próprio, nos incluímos.

Com estes apoios, foi possível imprimir a estas comemorações a dignidade, o brilho e a solenidade que a natureza do acontecimento histórico exigia, não faltando, sequer, aquele entusiasmo com que o povo sabe evocar os feitos gloriosos dos seus heróis.

Comemoramos o VI Centenário da Tomada do nosso Castelo e fazemo-lo conscientes

de que estamos a reviver um acontecimento, cujas dimensões transcendem a nossa história local e se integram nas mais genuínas coordenadas da História Pátria. Na verdade, se para nós melgacenses a tomada desta praça forte constituiu a garantia definitiva de podermos continuar a ser portugueses, para a Pátria significou mais um passo decisivo em ordem à recuperação da sua integridade territorial - havia anos, mutilada - e à defesa dos seus filhos.

Só por isso os heróis de 1388 - à frente dos quais se encontra D. João I - são credores da nossa pública e sentida gratidão, que, finalmente, deixámos gravada na dureza do bronze, para memória do passado, testemunho no presente e lição para as gerações futuras.

Neste contexto, antes de prosseguirmos, impõe-se salientar que para nós os efeitos dos acontecimentos de 1388 consistiram, essencialmente, na reintegração desta parcela de território sob a jurisdição do primeiro monarca da dinastia de Avis, porque, quanto à vontade do povo, a prolongada presença da guarnição militar castelhana, longe de nela abrir feridas graves, susceptíveis de desfigurarem o patriotismo dos melgacenses no que ele tem de mais autêntico e nobre, contribuiu, antes, para o acrisolar na consciência colectiva, enquanto esperava o momento da ansiada libertação.

É que o amor à Pátria tinha lançado, nos séculos anteriores, tão profundas raízes na alma dos melgacenses de então, como hoje as continuamos a sentir na solidariedade dos nossos conterrâneos, que, embora radicados noutros pontos do País ou espalhados pelos quatro cantos do mundo, em busca de melhores condições de vida para si e para os seus, não quiseram deixar de vir até nós, nesta jornada memorável, ou pelo menos, de estar, de algum modo, presentes através das inúmeras mensagens enviadas à Câmara Municipal e à "Voz de Melgaço".

Daqui lhe dirigimos o nosso Bem Hajam!

E dir-lhe-emos mais ainda: foi esse incontido pulsar do entra-

nhado amor à Pátria e à terra natal que, em boa parte, orientou esta nossa breve intervenção no sentido de, na companhia de V.as Ex.as e de todos os melgacenses, tentarmos captar as inolvidáveis lições do acontecimento histórico que estamos a comemorar e, assim, vincarmos, de forma indelével, o sentido destas comemorações.

Em síntese, podemos afirmar que estas brilhantes comemorações pretendem evocar um feito relevante da nossa história local, cujo conhecimento e integração na história pátria urge aprofundar, constituindo, ao mesmo tempo, uma homenagem aos heróis - inclusive aos que ficaram para sempre no anonimato - a todos patentear a nossa gratidão.

Mas, se estas comemorações se reduzissem apenas aos objectivos expostos, além de incompletas, ficariam gravemente marcadas por uma dimensão passadista. Se não conseguíssemos abrir os olhos para descobrir a mensagem destes acontecimentos e o coração para a receber e guardar, a história para nós seria oca, não teria "alma" a insuflar-lhe vida, numa palavra, não teria sentido. Mas nós, tal como não vivemos voltados para o passado, também não lhe voltamos as costas. Temos uma visão prospectiva de História e vamos, por isso, tentar surpreender nas palavras, nos gestos e nos sentimentos destes heróis os valores perenes, inerentes à dignidade e à honra do homem; queremos vivê-los e inculcá-los à juventude de hoje, a fim de por eles pautar a sua conduta individual e colectiva.

2. — Impõe-se, por isso, perguntar:

— **Que lições continuam a dar-nos os heróis da tomada do castelo de Melgaço em 1388?**

Vê-lo-emos, em breve, mas, antes, temos de responder a estas duas perguntas:

— **Porquê aderiu Melgaço a D. Beatriz, que o mesmo é dizer, a Castela?**

— **Porquê permaneceu o Castelo de Melgaço durante tanto tempo em poder dos**



O dr. José Marques, professor da Universidade do Porto, profere o seu discurso

castelhanos?

É necessário formular estas perguntas e dar-lhe resposta satisfatória embora forçosamente sumária, para afastar eventuais sintomas de complexo de culpa.

A adesão de Melgaço a D. Beatriz e a Castela, tal como aconteceu com tantos outros concelhos e localidades tem de ser apreciada à luz da complexa conjuntura histórica então vivida. Seria injusto e incompreensível pensar numa traição generalizada à Pátria, sobretudo neste tronco velho de Portugal, que é a vasta área do Além-Douro, em que nos situamos.

Para compreender esta situação, mais do que a generalizada crise demográfica, económica e social do século XIV, é necessário ter presente a conturbada política castelhana, que arrastou o nosso rei D. Fernando para três fracassadas guerras, de tão graves reflexos na vida nacional portuguesa.

Não queremos repetir aqui o que já escrevemos noutro lugar, mas não poderemos deixar de recordar as posições tomadas por tantos castelhanos exilados na sequência das lutas fratricidas entre os Trastámaras, e que, entre nós, encontraram não só a protecção necessária, mas também posições sociais e políticas de relevo, chegando a ser-lhes confiadas inúmeras alcaldarias e a penetrarem na própria Corte. Para citarmos apenas dois exemplos bem elucidativos, permitimo-nos recordar o caso do castelhano Lopo Gomes de Lira e seus familiares que che-

garam a possuir, em simultâneo, os castelos de Braga, Valença, Ponte de Lima, Castelo de Neiva e Viana da Foz do Lima, e o de João Fernandes Andeiro, cuja preponderante influência na Corte, até à eclosão dos acontecimentos, em 6 de Dezembro de 1383, além da incumbência de várias missões diplomáticas, lhe valeu a outorga de numerosos benefícios.

No momento oportuno, na sua esmagadora maioria, estes castelhanos radicados em Portugal acabariam por tomar voz por Castela.

Mas verdadeiramente impressionante, em todo este processo, é que tenha sido o nosso rei D. Fernando a propor ao rei D. João I de Castela, viúvo desde Setembro de 1382, o casamento com a herdeira D. Beatriz, postergando, assim, o clausulado do tratado de Elvas, pelo qual se havia posto termo à terceira guerra fernandina, no mês de Agosto anterior. E não deixa de ser impressionante e significativo que a embaixada incumbida de anunciar ao rei de Castela este desiderato do nosso monarca tenha sido chefiada pelo influente e bem conhecido Conde de Ourém, João Fernandes Andeiro, há pouco mencionado, que, no dizer de Fernando Lopes, "... propos sua embaixada, notificando-lhe quanto a el-Rei Dom Fernando prazeria de el casar com sua filha, por aver antrelles moor amorio de paz e assessego; aallem desto, avemdo a por molher, sendo herdeira depois de seu padre, que tal casamento lhe era aazo mui grande pera cobrar o

Continua na última pág.

PAÇOS

Festas Pascais

Como de costume, as festas da Páscoa nesta freguesia, correram da melhor forma, tendo sido antecipadas com todas as cerimónias da Semana Santa. Este ano, a visita foi presidida pelo pároco da freguesia, Padre Daniel Magalhães.

Falecimento:

Na residência de sua filha, no lugar de Viladraque, faleceu no sábado Santo o senhor José Augusto Alves (Grilo). O seu funeral realizou-se no dia seguinte, dia de Páscoa, com grande acompanhamento, para o cemitério local. A família enlutada, apresentamos as nossas sinceras condolências.

Casamento Elegante.

Na igreja paroquial desta freguesia realizou-se no passado domingo de pascoela o enlace matrimonial do senhor António Fernandes, agente da G.N.R., filho do senhor Arnaldo Francisco Fernandes, e de sua esposa, D. Glória de Jesus Pires, do lugar de Sá, com a menina Maria Alice Novais, funcionária da alfândega do Porto, filha do senhor José Novais e de sua esposa, D. Pureza Soares Novais, do lugar de Belêco.

Foram padrinhos: os senhores Augusto Vaz, funcionário superior das

**DR. OLIVEIROS
RODRIGUES**

ADVOGADO

Largo Hermenegildo Solheiro

MELGAÇO

Alfândegas do Porto, e sua esposa D. Maria Alice de Castro Vaz.

No fim dos actos religiosos, a caravana automóvel composta por cerca de duas dezenas de automóveis dirigiu-se à pensão Boavista do Peso, onde lhe foi servido um lauto e bem confeccionado almoço, a cerca de cem convidados.

Aos noivos que são dotados de excelentes qualidades morais, desejamos uma perene lua de mel e as melhores felicidades pela vida fora.

DE CHAVIÃES

VISITA PASCAL

Como os dias da visita pascal nesta freguesia, são alternados, este ano, pertenceu o domingo aos habitantes da parte de cima.

E, num ambiente de alegria, mormente para a pequenada, porque era Páscoa, o compasso percorreu o itinerário dos mais anos, com um tempo magnífico.

A mesma sorte não tiveram os habitantes dos lugares da parte de baixo, na segunda feira, que choveu copiosamente, mas nem por isso deixaram de beijar Cristo Ressuscitado, em suas casas. E, como de costume, no final da visita, foi organizada a procissão desde o cruzeiro do lugar das Lages até à igreja paroquial, sendo ali dada a

beijar a cruz a todos os presentes.

Como vem sendo já um hábito, este ano pertenceu aos habitantes da freguesia de Paços, a presença do Rev.º Pároco Pe. Daniel de Magalhães, na Visita Pascal, tendo sido substituído na sua ausência, nesta freguesia de Chaviães, pelo estudante de filosofia de Braga, sr. António Abel Bandeira, com aspirações ao sacerdócio.

E, sendo a festa da Páscoa, considerada também festa de família, aqui estiveram presentes muitos familiares ausentes, espalhados por este mundo de Cristo, designadamente no Brasil, França, Lisboa, Porto, Braga e Viana do Castelo, para se associarem, embora num curto convívio, paternal ou maternal, à Ressurreição de Cristo. - Que para a Páscoa de 1990, voltem com a mesma alegria, são os nossos sinceros votos.

DIA DAS MENTIRAS

Está a cair em desuso o dia um de Abril, considerado, há muitos anos, o dia das mentiras. No meu tempo de rapaz, estudava-se mil e uma metira e aparecia sempre um ou outro desprevenido, que caía, na armadilha. Por isso, era um dia de risota que se gosava e ninguém levava em mal, porque era dia de mentiras. Como não há nada neste mundo que não tenha o seu fim, o dia das mentiras também vai morrendo lentamente.

AMIGO LEITOR

Pagar sempre a assinatura
Bem cedo e directamente
É contributo importante
Que pode dar toda a gente.

REGRESSO A TERRAS DE SANTA CRUZ

O sr. Vitorino José Lopes, que é natural de Chaviães, mas a exercer a sua vida comercial no Rio de Janeiro, depois de ter passado aqui uns dias de convívio com os seus parentes e com os seus amigos, já regressou ao convívio dos seus familiares, residentes naquela cidade.

Que tivesse boa viagem e que a sua vida comercial continue a sorrir-lhe é o que sinceramente lhe desejamos.

Compre agora e pague — em
12 MESES, em —

Móveis Castelo

DE Ramiro de Lima A. Cerqueira

RUA DAS ESCOLAS
TELEF. 42695 — 4960 MELGAÇO

EXPOSIÇÃO:
RUA DA CALÇADA

FAZEM ANOS

No dia 29 deste mês, faz anos a nossa conterrânea D. Beatriz Emilia Fernandes Reinales Correia, Professora do Ensino Primário, residente em Queijas, concelho de Oeiras. - E no próximo dia 3 de Maio, a Sr.ª Dr.ª Maria Helena de Sousa, dileta esposa do nosso conterrâneo e amigo, Dr. João Paulo Malheiro Alves, ambos advogados na cidade de Amadora.

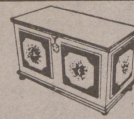
Para ambas as aniversariantes, vão as nossas mais sinceras felicitações por muitos e felicíssimos anos.

António Luis Reinales

ELECTROVISÃO

Maria Adelaide Fernandes
Agente oficial das marcas
AEG TELEFUNKEN e
GRUNDIG
Assistência Técnica
VENDA DE APARELHOS
ELECTRODOMÉSTICOS

RUA DO RIO DO PORTO
TELEFONE 42650 - 4 O MELGAÇO



MARIA FERNANDES DO VAL BRITO

SEGUROS

Vivendas - Apartamentos - Terrenos -
A.C.P. Autogrupos

42433 - S. Gregório
Telefs. { 43111 - Rua Velha - Vila 4960 - MELGAÇO

MANUEL CAJÃO

MÉDICO — CLÍNICA GERAL

CONSULTAS: todos os dias e ao domicílio.

FONTE DA VILA — TEL. 42820
MELGAÇO

JOAQUIM RODRIGUES TEIXEIRA & C.ª, L.ª

CONSTRUÇÕES DE PRÉDIOS PARA
VENDA

ALTA QUALIDADE A PREÇOS
COMPATÍVEIS

EM BRAGA

Escritório :

Avenida Central, 54 - 1.ª

Telefones :

27256 - 25185



FABRIMAR DO PRINCIPIO AO FIM

UMA RAÇÃO DE RAÇA

À VENDA NA COOPERATIVA DE
MELGAÇO

FABRIMAR

FÁBRICAS DE MOAGENS
DO MARCO, LDA

O MOSTEIRO DE FIÃES

O DEPUTADO ANTÓNIO ROLEIRA MARINHO
PEDE AJUDA DO ESTADO

N.R. O deputado Roleira Marinho produziu na Assembleia da República a seguinte intervenção:

«Fiães, povoação e sede de freguesia do mesmo nome, situada no extremo Norte do país, no concelho de Melgaço, separada de Espanha pelo rio Trancoso ou São Gregório, remontando a sua fundação a povoamento pré-nacional, é merecedora de uma visita, visita que, necessariamente, não pode circunscrever-se à contemplação do panorama deslumbrante que aos nossos olhos se desdobra, entre os vales profundos e os Picos agrestes da Serra da Peneda, em cujas faldas se localiza.

Se nos ativermos às referências que se fazem a Fiães, concelho de Melgaço, quer no Dicionário Orográfico de Portugal Continental, de Américo Costa, edição de 1938, ou na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira ou ainda na Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, facilmente nos apercebemos da importância que Fiães teve na vida cultural, artística e religiosa do norte de Portugal e também da Galiza.

São muitas as lendas que se contam por aquelas bandas, todas pondo em relevo um profundo sentimento religioso e comunitário daquelas gentes.

Será de realçar ainda que foi exactamente em Fiães que, depois do 25 de Abril de 1974, se fez a primeira grande Jornada Nacional de homenagem e Exaltação ao emigrante Português, com a inauguração de um monumento que ficou a perpetuar na pedra essa grande dívida de gratidão de todos nós para com os nossos compatriotas que, no estrangeiro, nunca deixaram de se manter ligados ao torrão natal.

Também nós deputados do Partido Social Democrata, pelo círculo de Viana do Castelo, tivemos o privilégio de há dias subir a Fiães, por sinal em dia de chuva e de neve, mas nem isso obstou a que encontrássemos aquela gente de rija tempera, com a esperança bem viva em seus rostos, mesmo, por sentirem que os seus problemas são estudados e, passo a passo, se vão resolvendo.

Visitamos o velho Mosteiro de Fiães, bem conservado e acolhedor, mênre da acção dinâmica e interessada do reverendo Paroco aí em serviço. Na verdade, com muita persistência, com muita teimosia, sem desistir e furando a indiferença de muitos, o Padre Manuel Lourenço tem conseguido mobilizar meios que permitam salvar o Mosteiro da destruição, Mosteiro que é Monumento Nacional desde Junho de 1910!... O qual, segundo a tradição já existia em 851, no tempo de D. Ramiro II, Rei de Leão, e que pertencia a um importante convento de Frades beneditinos.

Estão previstas agora algumas obras de restauro dos pavimentos, dos muros envolventes e da cobertura, porém, mal seria que tais trabalhos não fossem completados com estudos e escavações que nos permitam uma completa identificação de todo o acervo histórico que, por certo, existe à volta do Mosteiro, e porque não a recuperação da Fonte de águas minerais, a que se atribuem virtudes medicinais? Vale a pena aprofundar as investigações.

Acrescentarei que o alto - mor do velho Mosteiro, da época renascentista, será a peça mais degradada de todo o conjunto, a exigir uma atenção dos responsáveis.

Melgaço comemora este fim de semana, com a presença de membros do governo e outras entidades, o VI Centenário da Tomada do seu Castelo, por D. João I, aos Castelhanos, haverá actos solenes no Mosteiro de Fiães, pelo que ousamos reclamar uma intervenção programada e coordenada no sentido de se conseguir uma recuperação fiel e completa de todo o conjunto envolvente do Mosteiro de Fiães, reconduzindo-o à sua dimensão Histórica, como marco inconfundível dos séculos, que devemos preservar e projectar para o futuro.

Assembleia da República, 98.03.02

A. Roleira Marinho
Dep. PSD

Visita Pastoral ao Arciprestado

Sua Ex.ia Rev.ma o Senhor Bispo da Diocese inicia a Visita Pastoral ao Arciprestado de Melgaço no próximo dia 23 deste mês de Abril.

Para que os nossos leitores, mormente os que vivem fora do nosso concelho, possam acompanhar esta Visita, publicamos o *Calendário - programa*, do qual não faz parte a freguesia de Parada do Monte, porque já foi visitada.

Abril / 89

23 - De manhã: Penso

De tarde: Alvaredo

30 - De manhã:

Castro Laboreiro

De tarde: Lamas de Mouro

Maió / 89

7 - De manhã: Cris-tóval /

De tarde: Paços

21 - Paderne

28 - De manhã: Prado

Junho / 89

4 - De manhã: Rouças /

De tarde: Cubalhão

11 - De manhã: Cha- viães .

De tarde: S. Paio

25 - Remoães

Julho / 89

16 - Melgaço (Vila)

23 - De manhã: Cous- so.

De tarde: Gave

30 - Fiães

D. Rosa Meleiro

Em sua casa de Go- lães, Paderne, faleceu, em 8 do corrente, a Sra. D. Rosa Meleiro.

No próximo número daremos o relevo devido ao doloroso aconteci- mento.

RECORDANDO... MEDITANDO

Melgaço de ontem e de hoje

Recordar Melgaço antigo e ver como está agora, que diferença! Melgaço está a crescer por todos os lados. São as vivendas que crescem pelos campos em redor, por todas as freguesias, é na Vila em quasi todas as ruas ou travessas em que aparecem rapidamente construções e mais construções.

Em poucos meses nota-se um crescimento considerável, que me aprez registrar.

Também não faltam manifestações sociais e religiosas que marcam pontos no desenvolvimento da Vila, que a tornam falada, mais conhecida do resto do País através dos jornais e da rádio embora a televisão às vezes a esqueça. Talvez os jornalistas estejam distraídos ou ocupados em relatar políticos de trazer por casa, ou a falar de outras actividades de mais interesse que as do nosso País...

Mas não é disso que eu quero falar mas sim das melhorias desta terra que me é querida e que, por ficar cá no cimo do país, nem toda a gente tem interesse em cá chegar.

Embora modestamente tem valor histórico e belezas sem par.

As manifestações religiosas também vão crescendo. Há anos atrás não se realizava a procissão do Entero do Senhor, como já se faz actualmente. Cheia de simplicidade, teve no entanto grande afluência de povo devoto que a acompanhou.

O que me chamou a atenção e que realço com agrado foi a participação dos Bombeiros com a sua fanfarra.

Raparigas e rapazes cheios de aprumo, bem fardados, responsáveis no desempenho da sua função e em considerável número de elementos.

Pode Melgaço orgulhar-se dos seus Voluntários.

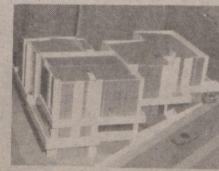
É uma Vila limpa e acolhedora, assim como os seus habitantes. Por tudo isto, vale a pena andar mais uns quilómetros e vir cá visitá-la.

Começou agora a época das flores e dos rebentos verdes da primavera, o que a embeleza ainda mais.

Por mim, o que mais desejava, era poder levar d'aqui um retalho de paisagem...

Melgaço 26-3-89
M.S.

CONSTRUMINHO, L.D.A.



Largo da Calçada

Telef. 42039 - 4960 Melgaço

Rua Almirante Ramos Pereira

Telef. 91 13 72

4915 Vila Praia de Ancora

EXPRESSO DO ALTO MINHO

Comodidade - Rapidez - Economia
Autopullman de luxo - Serviço de Bar

VIAGENS RESENDE

Porto - Rua dos Carmelitas, 7
Lisboa - Rua dos Bacalhoeiros, 20-A

e AUTO VIAÇÃO MELGAÇO, LDA.

NOVO HORÁRIO DO EXPRESSO
S. GREGÓRIO - PORTO

b	a	c	LOCALIDADES		d	b	a
7.30	15.00	19.15	P	S.GREGÓRIO	C		20.25 23.00
7.45	15.15	19.30		Melgaço		8.45	20.10 22.50
8.15	15.45	20.05		Monção		8.15	19.40 22.20
9.10	16.30	21.00		Arcos de Valdevez		7.30	18.55 21.35
9.15	16.40	21.15		Ponte da Barca		7.25	18.45 21.25
9.50	17.10	21.45		Vila Verde		6.55	18.15 20.55
10.15	17.25	22.00		Braga		6.40	18.00 20.40
10.35	17.45	22.30		V. N. Famalicão		6.10	17.25 20.05
11.25	18.48	23.15	C	PORTO	P	5.30	16.30 19.10

a) - às 6.as feiras ou vésperas de feriados

b) - De 2ª a 6ª feira excepto feriados.

c) - Aos Domingos e feriados

d) - às 2.as feiras.

A LEI QUE NOS REGE

SERVIDÕES PREDIAIS

Como vem sendo hábito, tratarei esta matéria, vasta e complexa, de uma forma simplista, de modo a que os leitores fiquem familiarizados com o termo, noção e características principais desta figura jurídica. Trataremos, apenas, das servidões prediais que mais nos interessam.

A - O QUE É UMA SERVIDÃO PREDIAL?

Tal como o próprio nome indica e a nossa lei a define, servidão predial é o encargo imposto a um prédio em proveito exclusivo de outro prédio, pertencente a dono diferente. Ao prédio que beneficia da servidão chama-se dominante e àquele que está sujeito à servidão chama-se serviente. Quando, aqui e na lei, se diz prédio, convém lembrar que este termo engloba não só os prédios propriamente ditos (edifícios), mas, também, terrenos, moradias, quintas, montes, etc...

As servidões são indivisíveis, isto é, se o prédio dominante for dividido, cada novo dono tem o direito de usar a servidão sem alteração nem qualquer limitação; de igual modo, se o prédio serviente for dividido, cada parte fica sujeita à parte da servidão que lhe cabia.

B - COMO SE CONSTITUEM AS SERVIDÕES

As servidões prediais podem ser estabelecidas, nomeadamente, por contrato, testamento ou usucapião.

É claro que, na nossa terra, a grande parte das servidões constituídas remontam ao tempo dos nossos antepassados. Hoje mantemo-las e podemos afirmar, sem grande margem para erro, que essas servidões foram constituídas

por usucapião, que é, aliás, a forma mais comum de se constituírem servidões.

Mas o que é a usucapião? Relativamente ao assunto que estamos a tratar, quando uma pessoa passa por determinado caminho, vereda, campo ou monte, que não lhe pertença, para ir para uma propriedade sua e faz isto um certo lapso de tempo, sem oposição de ninguém, a lei confere-lhe o direito de aí passar. Ao fim desse período de tempo, ainda que haja oposição do proprietário, nada tem a temer, já que, conforme disse, adquiriu, por usucapião, o direito de aí passar.

C - SERVIDÕES LEGAIS DE PASSAGEM

Entramos naquela que me parece ser servidão mais comum entre nós: a servidão de passagem.

Quem tiver um prédio que não tenha comunicação com a via pública pode exigir, judicialmente, a constituição da servidão de passagem sobre o prédio vizinho. Havendo já passagem, utilizada há muitos anos, há o direito adquirido, por usucapião, de aí passar. Se houver oposição do proprietário do terreno, pode-se recorrer a tribunal, com a certeza de que, provando-se os factos, aquele lhe reconhece o direito de aí passar.

A passagem deve ser concedida através do prédio que sofre menos prejuízo e pelo lugar que menos inconvenientes cause.

Em caso de venda do prédio dominante (o que beneficia da servidão), o proprietário do prédio onerado com a servidão legal da passagem tem direito de preferência. Sendo dois ou mais preferentes abrir-se-á, entre eles, licitação.

Também podem ser constituídas servidões de passagem para o aproveitamento de águas para gastos domésticos, quando os pro-

prietários não tenham acesso às fontes, poços, correntes do domínio público e reservatórios públicos destinados a esse uso.

D - EXTINÇÃO DAS SERVIDÕES

A forma mais corrente da extinção das servidões é a do não uso (da não utilização) durante vinte anos, qualquer que seja o motivo. Outras formas de extinção: a renúncia e o decurso do prazo, se tiverem sido constituídas temporariamente.

O proprietário do prédio serviente (o que cede a passagem) pode requerer a extinção da servidão constituída por usucapião, desde que se mostre desnecessária ao prédio dominante. Isto permite pôr cobro a situações de verdadeira violação do direito à intimidade das pessoas, já que há prédios dominantes que têm passagem por dentro dos quintais e, até das casas dos vizinhos e, normalmente, esses prédios dominantes têm outros caminhos, outras passagens e, por isso, a desnecessidade da servidão de passagem que referimos.

Aliás, a lei, para obviar a casos destes, permite, ainda, ao proprietário do prédio serviente (por onde se passa) exigir a mudança da servidão para sítio diferente ou, até, para outro prédio, se a mudança lhe for conveniente e não prejudicar os interesses do prédio dominante, contanto que o faça à sua custa.

Lisboa, 13 de Janeiro de 1989
Paulo Malheiro

DE PENSO

FESTA DE NOSSA SENHORA DA CABEÇA

Como de costume, realizou-se nesta freguesia a festa em honra de Nossa Senhora da Cabeça, que constou do seguinte programa:

Missa solene presidida pelo Rev. Pe. Justino Afonso e sermão.

No final, uma majestosa procissão percorreu o itinerário habitual.

Abrilhou a festa a banda de Música de Tangil e a Cabine sonora da «CASA SILVA» de Ceivães - Monção.

Visitantes

Durante a quadra festiva da

Páscoa, estiveram nesta freguesia muitos nossos conterrâneos residentes em França, Lisboa e outras localidades, que vieram visitar as suas famílias.

Para todos os nossos cumprimentos e um abraço.

Obras e melhoramentos

Durante o mês de Abril, vão iniciar-se as obras de abastecimento de água ao domicílio, que são subsidiadas pelo «FEDER».

Esperamos que seja um grande benefício para a nossa terra, pois que foi agora concedida uma participação pelos fundos comunitários.

CONTINUA NA 7ª PÁG.

Stand Auto Lourenço

Fonte da Vila — Melgaço — Telef. 43143

PNEUS, ÓLEOS, LUBRIFICANTES, BATERIAS, ALINHAMENTO DE DIRECÇÕES, EQUILIBRAGEM DE RODAS E AFINAÇÕES.

AUTOMÓVEIS E COMERCIAIS
TOYOTA

Agente Oficial

DR. LEITE D'ALMEIDA

DOENÇAS DOS OLHOS
CIRURGIA - LENTES DE CONTACTO

CAMPO DA VINHA, 23 - 2ª

TEL. 71477 - BRAGA

RUA DE CEUTA, 60 - 3ª

TEL. 24288 - PORTO

CONSTRUÇÕES DE:

JOÃO DA COSTA PEREIRA DE MACEDO

COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES

- * Vivendas e Apartamentos
- * Escritórios - Estab. Comerciais
- * Quinta - Lotes para construção
- * Venda e aluguer de armazens

CONTACTE

ESCRITÓRIO:
Av. da Liberdade, 498-1º Esq.
4700 BRAGA - Telef. 26535 - 77318

RESIDÊNCIA:
PRADO - 4730 - VILA VERDE
Telef. 921319

ACUPUNTURA

CONSULTA DIÁRIA
RUA CARBALLINO,
60 - 1ª

RIBADÁVIA — (ORENSE)
TELEF. 471840

ELECTROTECNICA

António Solha & Irmão
Praça da República
4960 MELGAÇO

* Rádio - Instalações Eléctricas
* Televisão - Amplificações Sonoras

Agentes da SIEMENS
Assistência Técnica qualificada
TELEFONE: 42294

SERRALHARIA ARTÍSTICA CODY

- PORTAS - CAIXILHOS - MARQUISES - (Tudo em Alumínio Anodizado)
de Carlos Alberto Codesso
Granjão - Paderne - Telef. 42244

4960 MELGAÇO

DR. RUI TAXA ARAÚJO

— CONSULTAS —

2ª 3ª 5ª 6ª

DAS 9.00H. às 12.00 Horas

— CONSULTÓRIO E RESIDÊNCIA

NA RUA DO CINEMA - 1º DTO.

Tel. 42914 — MELGAÇO,
DOMICÍLIO A QUALQUER HORA

DR. JOÃO GASPAR

— CONSULTAS —

Todas as Tardes

Das 14.00 H. às 18.00 Horas

Trav. Dr. António Durães
(Junto à E.D.P.) — 2º Andar

Telef. 42997

EM QUALQUER LUGAR

**O PRESENTE E O FUTURO
OS MELGACENSES E AS COMEMORAÇÕES DO VI
CENTENÁRIO DA TOMADA DO CASTELO**

Os dois sonetos de António Gonçalves Rodrigues, que reside em Lisboa, são bem o espelho dos verdadeiros sentimentos de bairrismo que animam os Melgacenses de gema. Não podendo vir à sua terra, juntou-se aos festejos com o melhor que podemos oferecer: a poesia.

Temos a certeza de que, no íntimo do seu coração, assim fizeram muitos outros melgacenses.

Um gostaríamos de destacar com especial relevo. É o senhor ARMANDO JOAQUIM ALVES MALHEIRO, emigrante em TOURS, França, que, tendo visto pelo jornal o alcance das comemorações, se deslocou de propósito a Melgaço para estar presente, pois, como bem disse, talvez nunca mais na vida dele haja um momento tão alto na vida de Melgaço. Parabéns, amigo, pela sua encantadora atitude.

Sabemos que muitos outros se deslocaram de variados pontos do País para se associarem às comemorações. Sob pena de esquecermos alguns, não queremos deixar de mencionar alguns que vimos pessoalmente: Dr. Octávio, natural de Alvaredo, a residir em Braga; Prof. Fernando Vaz Alves, esposa e filhos; Arménio Augusto de Melo, Manuel Rodrigues, esposa e filha Catarina, do Hotel Turismo - Braga; Júlio de Sousa Domingues, de Monção.



Carla Sofia de (5 anos) de Melo Cardoso

Na celebração de Fiaes, vimos ainda o senhor Anselmo Esteves, esposa e filha, de Cubalhão, bem como o senhor Presidente da Junta de Cubalhão e irmão; o senhor Virgílio, Presidente da Junta de Lamas de Mouro; o senhor António, Presidente da Junta de Couso, e ainda outros, como os de Roussas, S. Paio, etc.

E como verdadeiro futuro, e testemunha da ousadia e intrepidez que nos distinguem também, destaco a menina **Carla Sofia de Melo Cardoso** que, vestida de Lavradeira, participou nos actos comemorativos do dia 3, na Vila, e pediu que lhe tirássemos uma fotografia para sair no jornal. Aqui fica cumprida a sua vontade e publicitado o seu gesto que, juntamente com a garridice das crianças das escolas primárias, tanta vida deram às comemorações e tanta promessa de risinho futuro nos deixaram.

**Galeria dos
nossos amigos**

Pagaram a sua assinatura até 1989 inclusivé, no Miguel Pereira: Carlos Barbosa Martins, Alvaredo; Porfírio Alves, Soutomendo; Hortense dos Anjos Esteves, S. Paio; José Pereira Júnior, Parado do Monte; João Manuel de Sousa Lima, Melgaço; Manuel Esteves, Rouças; Carlos Joaquim Marques, Arcos de Valdevez; José Afonso, Sante; Carminé Celestino Coelho, S. Gregório; Carlos Augusto Rodrigues, França, 88/89/90; Fernando Lucena, Carnaxide; João da Rocha Lucena, Melgaço; Armando Afonso, Adavelha; Amândio Francisco Sousa e Castro, Prado; Henrique Domingues, S. Gregório; Humberto Fernandes de Sousa, Melgaço; Maria Hermínia Rodrigues Pereira, Melgaço; Família de Dâmaso Lopes, Paços; D. Clotilde da Conceição Rosa, Viana; Manuel Contente de Sousa, Melgaço; Luis Gonzaga de Araújo, Galvão; Alberto da Rocha Carvalho, Penso; José Alberto Cordeiro, Penso; Júlia R. Gonçalves, Prado; Albano Afonso, Cristóval; Alberto José Caldas, Paderne; Armando Pires, França; Norberto José Afonso Trancoso, USA; Jaime Salgado (filho), Prado; José Augusto Fontal, Alvaredo; Ventura Duarte Igrejas, Barbosa; Manuel Félix Igrejas, Brasil; Serafim Esteves, Amenjoira, Castro Laboreiro; Manuel Domingues, Granja, Alvaredo; Manuel da Rocha, Évora, 1990; Carlos Manuel da Rocha, Herdeiros, Arraiolos, 1990; Manuel Salvador Pereira, Peso; Esteves António, Colomes, França; Américo de Jesus Domingues, Morinheiras, Prado, 1988; Agostinho Alves, Estivadães, 88/89.

Pagaram 89 ao Fabiano Costa da Gráfica melgacense: Manuel José Lourenço, Alvaredo; Adolfo Esteves, Paderne; Sérgio José da Ribeira, USA; António José Gonçalves, Eira-Rouças; José Gonçalves, Austrália; Manuel António Gonçalves, Couso; Adílio Pereira, Castro Laboreiro; António Antoinho, Melgaço; Carlos Esteves, Penso; Manuel Oliveira Fernandes, Penso; António Oliveiros Domingues, S. Paio; Artur Hnerique Caneja, Arcos de Valdevez; Domingues Alberto, Paris; Carlos Gonçalves, S. Paio; Aníbal Rodrigues, Prado; José Cândido Rodrigues, Castro Laboreiro; Hermenegildo José Solheiro, Galvão; José Simplício Moreira, Prado; Arlindo Augusto Vilas, Melgaço; António Armino Carvalho, S. Paio; José Amadeu Sousa Pires,

Paços, Aníbal Augusto Oliveira, S. Paio; Vasco Joaquim Oliveira, S. Paio; Maria de Lurdes Gomes de Sousa, Penso; António Silvério da Cruz, S. Bráz de Alportel; José Augusto de Castro, Chaviães; Francisco de Sousa Marcos, Alvaredo; José Henrique Gonçalves, Le Creusot, França; Maria Cândida Esteves Meneses, Melgaço; António Barreiros, Roussas; Oliveiros Manuel Domingues, S. Paio; António Pereira, Lamas de Mouro; Manuel Domingues Gonçalves, Alcobaca; Manuel Fernandes Alves, Alvaredo; Delfim José Rodrigues Moreira, França; Manuel José Esteves, Paços; António Lourenço Gonçalves, Roussas; Dr. Aventino Jorge Dias da Hora, Melgaço; Avelino Lourenço, Paderne; Félix António Rodrigues, Cristóval; João Júlio Nabeiro da Rocha, Roussas; Manuel José Domingues, Paderne; Décio de Jesus Fernandes, V.N. Gaia; Dário Augusto Fernandes Pinheiro, Lisboa; Damião do Carmo Fernandes, Alvaredo; Justino Pires, Paris; Justino Fernandes, Gave.

Pagaram até 1989 inclusivé, em Braga: Mário Gomes de Sousa, Mem Martins; Orlando Alves, Canadá, 89/90; Amândio José Pinto de Araújo, França, como amigo; José Manuel Gomes Calheiros, Viana; D. Maria Fernanda do Val Brito, S. Gregório; Arlindo Augusto Afonso, S. João da Talha; Júlio de Sousa Domingues, Monção; Dr. Amadeu Pereira de Carvalho, Braga; Lino Fernandes, Braga, 88/89; José Augusto Gonçalves, Aveleda, Braga, 89 como amigo; Luis Amadeu Marrucho, S. Gregório, novo assinante, 89 como amigo.

Caminhamos para o melo do ano! Se ainda não pagou a sua assinatura, procure fazê-lo já! Não deixe para o dia seguinte! É uma boa forma de ajudar!

trabalham na Guiné-Conakry como encarregados da grande companhia francesa Nord-France. António chefia cerca de 80 homens na construção de Centros de Saúde. Já construíram 10 e têm mais dois para fazer. Ele é o único europeu. Todos os outros são trabalhadores guineenses. Diz-se que não se sente muito bem. Só sente algo de isolamento, pois trabalha a 7000 Km de Conakry. Para a mesma companhia e também encarregado trabalha o Manuel Armada. O trabalho é pelo menos para 5 anos, pois têm 1200 alojamentos para construir.

É assim a nossa gente! E ainda há alguns pretensos políticos que duvidam das nossas capacidades de integração na Europa! A quem não é motivar as pessoas, pois pouca gente no mundo é capaz de fazer tanto como os portugueses.

PREZADO EMIGRANTE

Publicamos estas notícias porque tivemos conhecimento directo dos factos e achamos que vale a pena levá-los ao conhecimento de todos. Se tu que nos lês és também dos melgacenses que conseguiram impôr-se ou diriges uma empresa própria ou és encarregado de obras de uma sociedade, escreve-nos, diz-nos o que que fazes, manda uma fotografia, se achares oportuno e nós teremos todo o gosto de transformar os dados em notícia que possa chegar ao conhecimento de todos.

Uns, geralmente os mediocres, os que não valem nada, poderão dizer que é por vaidade, mas quem sabe distinguir bem as coisas, dá-se à conta de que tais notícias servem precisamente para sabermos do que é capaz a nossa gente, serve ainda para galvanizar outros a que lhes sigam as pisadas e serve sobretudo para engrandecimento da nossa terra e para que o contacto e conhecimento mútuos possa surgir aquilo de que tanto precisa a nossa terra: uma várias sociedades que criem postos de trabalho em Melgaço favoreçam quem quiser ganhar o pão e que se criem laços de amizade e ajuda para todos aqueles que lutam no estrangeiro.

Por nós, estamos inteiramente ao dispor.

**AINDA E SEMPRE
OS ÊXITOS DOS
NOSSOS
EMIGRANTES**

Dois melgacenses chefiam obras na Guiné-Conakry!

Soubemos estes dias que dois contrerâneos nossos, o António Augusto Gonçalves, natural de Carpinteira, S. Paio, conhecido mais como o "Tónio do Fausto" e Manuel Armada, natural de Prado,

CASA DE MORADA E TERRENOS

VENDEM-SE EM ROUÇAS

No lugar de Crasto, mesmo junto à estrada, casa ainda nova, terrenos de cultivo com muita vinha e muita água.

Trata: **António Fernandes**
Presidente da Junta de Rouças

A COOPERATIVA INFORMA

BATATA DE SEMENTE - Ainda há alguma das marcas DESIRÉ e KANRBK. Os interessados devem procurá-la o mais depressa possível.

AGROLIZ - Quem deseja este indispensável calcário para as terras e que tão bons resultados tem ajudado a conseguir, deve fazer a sua encomenda urgentemente.

É no seu interesse, sr. agricultor! Não deixe para amanhã o que pode e deve fazer já hoje! E para seu bem e de todo o País!

BENTO GOMES

**Materiais de
Construção Civil**

Telefone: 4 21 13
4960 MELGAÇO

**MANUEL ANTÓNIO
RIBEIRO**

SOLICITADOR

Largo Hermenegildo
Solheiro

MELGAÇO



**AGÊNCIA
IMOBILIÁRIA**

de - HEITOR D. CAMPOS AMOEDO

MEDIADOR OFICIAL DE IMÓVEIS

Para uma justa avaliação das suas propriedades

COMPRAR - VENDER

ALUGAR OU ARRENDAR - COMERCIAL OU HABITAÇÃO

PREDIMONÇÃO: Rua General P. de Castro-20

Telef: 52872 4950 MONÇÃO

**Dr. Paulo Malheiro
ADVOGADO**

Parque Delfim Guimarães, nº 7 - 1º Dto.
- 2700 Amadora

Telef. 4940478

BEATRIZ AUGUSTA RIBEIRO LIMA

**AGENTE
DISTRIBUIDORA
DOS VINHOS DO
PORTO**

AV. Dr. António Durães
4960 - Melgaço
Telefones: 42302 - 43113



DE PENSO

CONTINUAÇÃO DA PÁG.5

Arruamento ao lugar de Paranhão

Feito o acordo com o proprietário, os terrenos abrangidos pelo pagamento deste acesso estão em curso, satisfazendo assim uma aspiração de há longo tempo da população desta zona que, com a paralização, reclamava um acesso congnio ao lugar de Paranhão. Esta obra é levada a cabo com a colaboração da junta de freguesia, que administra directamente.

Caminho do Pio

Foram entubadas as águas bravas e foi feita a pavimentação em cimento

AGRADECIMENTO


A família de Maria dos Prazeres Dias, natural de Couso, e que faleceu em Monção em 19/03, vem agradecer a todas as pessoas que a acompanharam na hora de dor e saudade que a morte da saudosa extinta lhe trouxe. Seu marido e filhos agradecem a todos quantos lhes foram manifestar pessoalmente o seu pesar e que participaram no funeral.

Pela família
Amadeu Afonso (marido)

AS ROSAS E OS ESPINHOS

- As rosas é que são belas
- Os espinhos é que picam
- Mas são as rosas que murcham
- E os espinhos é que ficam

Lebarac



O gesto mais belo que um homem pode fazer é salvar outro homem.

Dê SANGUE.

CAFÉ RESTAURANTE ARCADAS




SERVIÇO DE CASAMENTOS

BAPTIZADOS, ANIVERSÁRIOS,

CONFRATERNIZAÇÕES

C/ Parque Privativo

TEL: 54 486 - CABO - BARBEITA 4950 MONÇÃO


ESTE ANO

Grupo Polaris

O ESPECTÁCULO DA VOSSA FESTA

LUZ, COR, SOM, ALEGRIA.

4960 MELGACO
Telf. 42651, 42658



CAIXA DE CRÉDITO AGRÍCOLA MÚTUO DE MELGAÇO

- INSTITUIÇÃO DE CRÉDITO AO SEU SERVIÇO -

UMA PORTA ABERTA PARA A SUA POUPANÇA

DEPÓSITOS
À ORDEM
A PRAZO

OFERECEMOS AS MELHORES TAXAS DE JURO DO MERCADO

— As poupanças colocadas, na Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Melgaço são garantidas pelo Fundo de Garantia do Crédito Agrícola Mútuo —
- Decreto-Lei nº 182/87 de 21 de Abril.

**A
N
U
N
C
I
E
N
A
V
O
Z
D
E
M
E
L
G
A
Ç
O**

VENDE-SE

Casa de luxo, a 4 km de Viana do Castelo, em Vila Franca, com terreno de logradouro (2.100 m2), com muita fruta e uma média de 3 pipas de vinho branco.

Preço: 16.000 contos.
Trata: Artur Henriques Canejo
Tel. 65365 ou 66292 (rede de Viana)

VENDE-SE QUINTA MELGAÇO / GALVÃO

Aceitam-se ofertas
Telef.: 326999 LISBOA



ARTº 813 / 37/000
ARTº 677021 ARTº 233 RUS.

O SENTIDO DAS COMEMORAÇÕES DO VI CENTENÁRIO DA TOMADA DO CASTELO DE MELGAÇO AOS CASTELHANOS

Continuação da 1ª pág

Reino, e ser Rei delle. El Rei folgou muito com este recado... crendo per tal juntamento aver ho regno de Portugal por seu".

A partir desse momento, os agentes diplomáticos de D. João I de Castela, em Portugal, não descansaram até verem assinado, em 2 de Abril de 1383, o tratado de Salvaterra de Magos, que, apesar da tentativa de equilíbrio formal do seu clausulado, dadas as situações concretas familiares das Coroas portuguesa e castelhana, criava, indiscutivelmente, as condições para a nossa submissão ao reino vizinho.

D. Fernando estava gravemente doente e a sua resistência psicológica a influências estranhas, na prática, era nula. Talvez por isso, quando em 26 de Junho de 1383, já estava em Almada, escreveu às cidades, vilas e concelhos do reino, dando-lhes conhecimento oficial do contrato de casamento da sua filha herdeira e ordenando-lhes que enviassem a Santarém procuradores devidamente credenciados para jurarem o referido contrato matrimonial.

Melgaço, cumpriu na íntegra a ordem do monarca e, no dia 21 de Julho, a vereação municipal, presidida pelo juiz, Gonçalo Esteves, procedeu à eleição dos procuradores Gil Afonso e João Fernandes, que nos fins de Agosto, em nome do concelho, juraram, em Santarém, respeitar o tratado de Salvaterra de Magos, numa cerimónia em que um cavaleiro e um arcebispo - possivelmente o de Santiago de Compostela, que tão activo se revelara durante as negociações - paramentado e sustentando a hóstia consagrada numa patena, receberam os juramentos em nome dos reis de Castela.

Para além do valor vinculativo inerente ao juramento, em especial na Idade Média, esta última circunstância pretendia imprimir ao acto um indiscutível cunho sagrado, para maior garantia de fidelidade ao juramento.

Nestas circunstâncias não é de estranhar que, no momento da aclamação de D. Beatriz, para muitos isso fosse perfeitamente natural. E ninguém poderá acusá-los de traição à Pátria, porque, embora decorrendo de um erro político lamentável, a situação criada era perfeitamente legal e ratificada por juramento pelos procuradores eleitos dos concelhos.

Mas, na verdade, não era isso que interessava à Pátria.

Bem sabemos que houve excepções, protestos e contra-manifestações espontâneas em diversos pontos do Reino e que as preocupações com a sucessão e o movimento anticastelhano vinham de longe.

Nada desse género consta para Melgaço, mas não é difícil aceitar que também aqui se terão ouvido murmúrios equivalentes aos proferidos noutras localidades, dando

provas do seu patriotismo e do seu vigor.

Por certo, não chegou aqui o eco das palavras com que D. Álvaro Peres de Castro manifestou a sua frontal oposição à aclamação de D. Beatriz, em Lisboa, contrapondo-lhe um nervoso "Arreal, arreal, cujo for o Regno levalloa," nem do queixume amargo da velhinha de Santarém, que em idêntica circunstância, não hesitou levantar a sua voz para interrograr: "... e como em maa hora sogeitos avemos nos de seer a Castellaos? Nunca Deus queira". Igualmente não terá chegado aqui a notícia da resposta dada, em Elvas, por Gil Fernandes ao alcaide, Álvaro Pereira, que o tinha aprisionado: "... leixaae viinr aarraya meuda das vinhas, ca elles me tiraram daqui" ... Apesar disso e não obstante o Cronista nada ter registado acerca da reacção dos melgacenses à aclamação de D. Beatriz, os actos de 1388 revelam que também nas gentes deste Alto-Minho, "onde Portugal começa", palpitavam os mesmos sentimentos e desejos de independência. Tiveram, contudo, de aguardar a hora da libertação, conformando-se com a norma de "que mais vall terra padecer, que terra se perder".

3. - E porquê permaneceu este castelo tanto tempo em poder dos castelhanos?

Esta situação deve-se exclusivamente às vicissitudes da guerra da Independência e à necessidade que D. João I e o Condestável sentiram de atender prioritariamente às zonas da fronteira mais vulneráveis. A presença castelhana em Melgaço constituía, é certo, uma afronta ao poder e à jurisdição do nosso rei da Boa Memória e representava uma mutilação do território nacional, podendo, mesmo, comparar-se a um quisto que se impunha eliminar. Mas, atendendo a que, a partir de Monção, todas as fortalezas acatavam a jurisdição de D. João I e a que os sentimentos da população do termo eram diversos dos que animavam a guarda castelhana, comandada por Álvaro Pais de Sotto Maior, não havia grande perigo para a independência da Pátria. Cremos ser precisamente esta ideia que o Cronista procurou inculcar reduzindo a presença castelhana à dimensão da fortaleza, definindo-a como "villa cerquada, sé arrabalde, de bom muro e forte castello".

Mesmo assim, tinha de ser repelida. A população do termo, só por si, não tinha capacidade para a neutralizar, mas sentia a violência e o ferrete vexatório desta presença. Rejubilou, por isso, na hora da libertação, que viveu com dignidade e altivez, tal como suportara a presença opressora do inimigo.

4. - Fixemos algumas das lições que os nossos heróis, mesmo no ardor do assalto final ao castelo, nos deixaram e Fernão Lopes tão bem soube registar,

dando vida, cor e encanto ao seu relato, onde nem sequer falta a graça picaresca a condimentar a sua narrativa.

Com a brevidade que a circunstância impõe e sem forçarmos o texto do Cronista, vamos procurar surpreender a dimensão psicológica e os sentimentos que dominavam individualmente algumas das figuras mais destacadas neste cenário bélico ou, então, galvanizavam anónimos de populares.

Antes de mais, D. João I, no qual não sabemos que mais admirar: se a clarividência do estratega atento em primeiro lugar às regiões fronteiriças mais vulneráveis, por onde espreitava o perigo de novas incursões inimigas, se a circunstância com que suportou os rigores do inverno, transformando o "arraial sobre Melgaço" em centro de governação do Reino durante quase dois meses, se a fogosa determinação do recuso à força "por se vinguar dalgũas desmesuradas palavras que contra elle diziam per vezes", se o bom senso que o levou a aceitar o conselho de João Rodrigues de Sá no sentido de optar por uma solução pacífica, traduzida em preitisia. Se a punição severa do atrevido e contumaz adversário se tivesse concretizado, neste clima de guerra, ninguém estranharia, podendo mesmo obter fácil desculpa. Mas a solução encontrada faz ressaltar o respeito pela vida e o valor da dignidade humana, a importância e a necessidade de os chefes saberem rodear-se de bons conselheiros e a generosidade final do monarca, que mais o enobrece ainda, aliás, ampliada ao atender benignamente a súplica daquele jovem castelhano que, ao depor naquele momento as suas primeiras armas, via a sua carreira militar gravemente comprometida, tendo ordenado o Rei que lhe fossem devolvidas.

Em João Rodrigues de Sá descobre-se o homem prudente que soube reduzir a interpelação acalorada e azeda do Rei às devidas proporções, conferindo, assim, mais vigor à sua argumentação, conduzida em ordem a tocar os sentimentos do monarca, aceitando-lhe para o efeito com o risco de vir a perder algum dos seus amigos, sem omitir uma clara referência à protecção devida a "quomantos no lugar jaziam". Nesta curta expressão «quomantos no lugar jaziam» parece-nos descobrir uma alusão directa aos melgacenses retidos dentro de muros, quase diríamos, como reféns. João Rodrigues de Sá era já titular de Melgaço e não poderia consentir no eventual massacre de súbditos seus.

Quanto valem a prudência e a lucidez de um chefe!

No Prior do Hospital, além do militar destemido, que se adianta aos companheiros para se colocar na primeira linha do assalto ao castelo, reconhecemos também

o hábil mediador, escolhido para dialogar com o adversário. E não será ousado ver representado na sua diversificada acção de militar e clérigo o apoio que a Igreja sempre prestou à Pátria nas horas difíceis, fazendo-nos recordar a enérgica actuação do arcebispo D. Lourenço Vicente, que, muito antes de Aljubarrota, na iminência do cerco castelhano à cidade de Lisboa, não aceitava escusas de clérigos e leigos, que, à sombra de privilégios individuais ou de classe, desejavam furtar-se aos seus deveres cívicos.

Esta colaboração entre o trono e o altar nos momentos difíceis da Pátria, dentro dos actuais limites deste concelho, evocá-la-emos também na romagem de amanhã ao Mosteiro de Fiães, sem esquecermos que, em 6 de Abril de 1141, D. Afonso Henriques outorgou carta de couto ao Mosteiro de Pademe, em reconhecimento pelo apoio logístico prestado pela abadessa D. Elvira Sarrazins e seu convento, quanto ele foi tomar o castelo de Laboreiro.

Mas deixemos os heróis singulares - não sendo necessário lembrar aqui a bem conhecida Inês Negra - e fixemo-nos no povo. Esse podemos, sem dúvida, encontrar na azáfama de cortar e transportar com carros e bois - quando não a pau e corda, como tantas vezes vimos fazer aos homens da nossa terra - a madeira necessária para as escadas e a espectacular bastida, ou torre móvel; podemos reconhecê-lo nesse grupo de regateiros desenvoltos, atarefados pelos caminhos e pelas redondezas do castelo na apanha das "tres mill pedras de mão" necessárias para municiar a bastida; e vêmo-lo, ainda e sobretudo, no entusiasmo espontâneo e eufórico da juventude melgacense de então, que Fernão Lopes não se esqueceu de homenagear ao escrever textualmente: "E os cachopos todos, sem nenhũ mandado apanharam as varas, cada hũu seufeixe, e tinham nas postas a porta da villa por homem aviam de sair" os castelhanos. E o cronista anotou igualmente, o pormenor de que esses mesmos "cachopos" ou jovens chamaram a si o encargo de entregarem uma vara a cada um dos arrogantes membros da guarnição, que as deveriam empunhar em vez das armas depostas, preferindo nós vê-las mais como símbolos de paz do que como humilhantes "insignias" de vencidos.

Resistimos à tentação de extensos comentários, mas não deixaremos de afirmar que só para evocar, à sombra deste castelo, o magnífico exemplo de amor à Pátria que a juventude melgacense de 1388 deixou à nossa juventude de hoje e de todos os tempos já teria valido a pena realizar estas comemorações.

Cremos ter salientado o entranhado amor dos melgacenses à pá-

tria e à sua terra natal, bem com algumas lições que os heróis da tomada do castelo de Melgaço nos deram, merecendo referência particular: a prudência, a tolerância, o respeito pela vida e pela dignidade humanas, inclusive do adversário, a opção por soluções políticas em vez de violência, etc., etc. afinal, lições éticas, provenientes da esfera militar e de flagrante actualidade em perfeita consonância com que a Igreja e as mais responsáveis Organizações Internacionais propõem e defendem.

5. - Urge terminar, mas não queremos fazê-lo sem formular uma pergunta:

- E depois destas brilhantes comemorações?

- A resposta só pode ser esta: É necessário perpetuar as lições que este VI centenário proporcionou, tendo como principal destinatária a juventude da nossa terra, que os pais e os respectivos professores, desde a instância primária ao último ano do ciclo complementar, como educadores responsáveis, deverão familiarizar com este castelo, cuja tomada, em nome de uma Bandeira Nacional a flutuar lá no alto, constitui um poderoso símbolo de independência e da soberania da Pátria.

Temos de insuflar vida a este castelo. Para isso, urge restaurá-lo convenientemente, em ordem à instalação de um museu militar dotado de uma sala de conferências, ao serviço da Cultura e, especialmente, dos alunos e docentes das nossas escolas.

E como seria útil animá-lo anualmente, pelo menos, com a içar da Bandeira Nacional e um toque de guarda, feita por um lizado contingente militar!

Este castelo, verdadeiro ex-libris de Melgaço, tem de se transformar num importante polo turístico do Alto-Minho.

Estas sugestões são perfeitamente viáveis.

Para a sua concretização - ou eventualmente, de outras iniciativas mais adequadas - solicitamos desde já, o apoio certo e a colaboração indispensável das Ex.mas Autoridades, que tornaram possível a realização destas comemorações.

Estas sugestões, apesar do valor individual de cada uma delas, no seu conjunto, não passam de tópicos nucleares de um programa mais vasto da atenção que é necessário dispensar ao nosso património histórico e cultural. "Reiniciamos, por isso, neste ambiente festivo e festivo, a proposta de constituição de uma Associação destinada à sua defesa e valorização, com o que muito lucrará também ao castelo. É com iniciativas desta natureza que havemos de tecer a coroa de louros da nossa homenagem aos Heróis da Tomada do Castelo de Melgaço, em 1388.

Melgaço, 3.3.1989. José Marques